



Dr. James Musgrave

Del. J. ...

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES



m 1855 publicava-se em Lisboa a *Revista Contemporanea*,¹ periodico cujo fim era reunir n'uma serie os principaes traços biographicos dos homens que avultavam então mais importantemente na scena politica, e acompanhal-os dos respectivos retratos. Por todos os motivos, o nome do conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, não podia deixar de ter um lugar n'este Pantheon de caracteres publicos, visto que entre todos, e acima de muitos d'elles havia já figurado como o representante illustre de uma escola politica notavel pelo respeito que consagrava ás instituições liberaes e madureza de seus principios practicos, como a palavra mais eloquente e arguciosa das nossas controversias parlamentares, e sobre tudo como o ho-

¹ A publicação a que me refiro, apesar do mesmo titulo, nada tinha de commum com esta. Começou em 1848, e seguiu depois em 1855.

mem atilado para quem as necessidades publicas, em occasiões de apuro, viravam muitas vezes os olhos, procurando na sua prudencia e conselho o remedio dos desconcertos que a cubiça de uns e o egoismo de outros haviam trazido á administração do Estado.

Os editores da *Revista Contemporanea* solicitaram pois do conselheiro Rodrigo da Fonseca alguns esclarecimentos que os podesse ajudar no trabalho que intentavam fazer a seu respeito. A resposta a esta exigencia foi concisa e modesta : respondeu que a sua vida não valia a pena de escrevel-a em quanto elle fosse vivo ; que depois de morto, fizesse a justiça dos homens o que quizesse.

A malevolencia de seus inimigos interpretou a excusa como evasiva, atraz da qual queriam apontar o receio do homem que havia atravessado épocas combatidas de paixões partidarias difficéis para todos, e onde não poucos caracteres publicos haviam naufragado.

Mas a esta interpretação insidiosa responde o caso seguinte. Em 1852 representava-se no Gymnasio uma revista do anno, por titulo *Progreso e Fossilismo*. N'esta especie de *juizo final* do anno a que eram chamados a contas os ridiculos mais caracteristicos da época, appareciam allusões satiricas á *regeneração*, e ao sr. duque de Saldanha e mais figuras que tomaram parte n'aquelle acontecimento politico. O marechal irritou-se, ou a sua córte de aulicos por elle. O certo é que a *Revista do anno* foi avocada ao Conservatorio ; e, por essa occasião, Rodrigo da Fonseca, ministro do reino que era, escreveu ao digno secretario d'aquella repartição, recommendando-lhe que examinasse a *Revista* com escrupulo : *tirem tudo do duque* (acrescentava elle) *e deitem-no para mim. Com tanto que o publico ria, e o theatro ganhe, é o que eu desejo.*

O homem que escrevia com este desassombro não temia a critica publica e ainda menos os motejos da satira maldizente. E não temia. Rodrigo da Fonseca Magalhães foi por muito tempo o caracter mais victimado pelo nosso jornalissimo politico. Houve uma época até em que os furores colligados da opposição não miravam outro alvo. Cada qual aporfiava em lhe cuspir mais um aleive, ou em lhe assetear mais a reputação com tiros que trespassavam o caracter do homem publico e iam crivar o coração do homem particular. Nem o sacrario da familia, nem as sanctas affeições de pae e esposo tiveram indulto perante este plano de diffamação. Não havia garraio da imprensa, que pretendesse exercitar-se na gymnastica dos doestos quotidianos, que se não occultasse nas sombras do anonymo, para d'ahi lhe arremessar a sua pe-

drada. E a malicia dos adversarios espalhava ainda que Rodrigo da Fonseca gostava d'isto: que se fingia injuriado, mas que ria por dentro. O que fazia que muitos tomassem esta tarefa por brinquito em que affiavam as armas e adestravam os melhores golpes da invectiva. Cursavam a aula da diffamação á custa da honra do homem de Estado. A critica sisuda perguntava: — Por que atacam a Rodrigo da Fonseca só quando elle é ministro? As manchas que lhe notaes serão de agora ou de outros tempos? São de outros tempos, porque de agora ninguem se atreve nem a suspeitar da sua honestidade. Pois se assim é, como acontece que aquelles mesmos que o mandam patibular diariamente na praça publica da imprensa, o deixaram subir a ministro, a conselheiro de Estado, a par do reino, e o teem chamado sempre em circumstancias criticas, e lhe teem pedido o auxilio da palavra, na tribuna, e do conselho, no gabinete, e se ufanam com o socorro d'essa palavra, narrando proverbialmente até os seus conceitos, os seus chistes e sentenças, e se reputam fortes com o alcance do conselho, adoptando-o, encarecendo-o e colhendo-lhe os fructos? Como acontece tudo isto? Pois o homem era já máu, e fostes procural-o; e depois de collocado assim em posição eminente, assacaes-lhe defeitos, e não defeitos de ministro, mas defeitos de individuo de outras eras, que por isso vos deviam ter impedido de concorrer com elle nos diversos passos que deu primeiro que chegasse á posição elevada que por fim occupou!

De todas estas contradicções appareciam documentos tristissimos nas folhas periodicas. Isto poderia indignar o ministro e atemorisar o homem particular; e não aconteceu assim: o homem particular lastimava na intimidade dos amigos os desvarios do jornalismo; e o ministro não condemnou jámais a instituição pelos erros d'aquelles que mal a intendiam e representavam.

Pelo menos, esta aggressão parcialissima da parte de alguns periodicos, aggressão que chegou a ser conloio implacavel contra o homem de Estado, parece que lhe devia fazer crear aversão á imprensa. Pois era o contrario. Nunca o viamos mais risonho e expansivo do que quando fallava dos seus primeiros annos de jornalista. Era com saudade, e ao mesmo tempo com ufanía que se lembrava d'essa época. E até se pagava muito de que o considerassem o decano do jornalismo politico liberal.

Rodrigo da Fonseca Magalhães era um espirito superior; elle conhecia-o; mas conhecia-o como o conhece o homem que conta com as suas forças herculeas, e sabe que póde vencer. As mil circumstancias que agrupam em roda do homem de Estado toda a

*

especie de individuo de merito e sem elle, haviam-lhe aproximado muito pygmeo, que ruins paixões roiam por dentro e que dava a seus desabafos as variadissimas formas que a calumnia inventa, e Rodrigo da Fonseca Magalhães conhecia tudo isto e ria-se. Nada mais facil do que enfrear os libellistas que o injuriavam: aos pequenos, era pol-os debaixo da acção da justiça; aos grandes, era captal-os. Nunca o tentou. Apareceu ahi uma lei de repressão para a imprensa, e foi o seu mais incansavel e sincero impugnador. Não nos consta até que chamasse nenhum jornal aos tribunaes, senão uma vez, e essa mesma porque o jornal o accusava de peculato. N'essa occasião a calumnia arranhou a probidade do homem (que foi só uma vez); então nem se riu, como fazia sempre, nem recebeu tão pouco, como assegurava a malevolencia de seus inimigos, que a sentença dos tribunaes viesse confirmar as accusações que lhe faziam nos dominios da politica: appellou para o paiz, representado no jury, e o ministro foi julgado sem culpa, e o jornal condemnado.

Um dos nossos primeiros talentos, tratando de esboçar o pagnégryico academico d'este homem notavel, traçou em proporções largas a apologia das revoluções, como quadro em que naturalmente poderia ser emoldurado o retrato de Rodrigo da Fonseca Magalhães, e apresentou-o depois como filho legitimo d'estas convulsões sociaes. E Rodrigo da Fonseca Magalhães temia e aborrecia as revoluções. É elle proprio que o declarara «... Não venho aqui «justificar a revolta (dizia elle em 5 de fevereiro de 1848, na camara dos pares), nem direi que nunca entrei em nenhuma; como «cha pouco observei, olhe cada um de nós para o seu passado e «emmudeça... Não venho pois, nem podia, n'esta idade, n'esta posição, fazer elogios a revolução alguma, nem militar, nem não «militar, parcial ou geral. Todas as revoluções, como a lava do Vesuvio, destroem os paizes onde chegam: de todos os males com «que a divina Providencia nos póde castigar, as revoluções são o «mais funesto. Se por meio de revoluções um ou outro homem se tem «engrandecido e triumphado, se houve Syllas, Marios e Cezares, «não é menos certo que ellas teem causado a destruição dos imperios, e levado aos povos o exterminio e a miseria.»

E n'outra passagem do mesmo discurso: — «Diz-se de mim que «nenhum partido represento, que nenhuns soldados, nem chefes me reconhecem, que ninguem tenho, não sou partido, não «sou nada. Eu sou o homem da conciliação e da paz: e dir-se-ha

«que um homem de paz não tem partido algum no paiz? Não o creio; pois por ventura não existirá fóra das fileiras do exclusivismo e da intolerancia alguém que solte livremente a palavra a favor da patria, chamando esses homens enfurecidos a escutar-se e tolerar-se mutuamente?»

Estas palavras dão a verdadeira indole politica de Rodrigo da Fonseca Magalhães. D'estes principios é que elle procede, e foi com elles que as suas convicções se abraçaram, e de que fez normas constantes de governo em todas as diversas administrações a que pertenceu. Abrindo os olhos para as coisas do mundo, quando Portugal começava a sentir-se alvoroçado com os primeiros assomos da liberdade que já irradiava da Hespanha em 1812, Rodrigo da Fonseca Magalhães, coração aberto ás aspirações de emancipação social, imaginação facil em inflammarse com os seus triumphos, não podia deixar de acudir a tomar parte em todos os episodios da epopéa, a que a revolução do Porto, em 1820, abriu as primeiras datas, e que a convenção de Evora Monte assellou com gloria para as armas constitucionaes. Era impossivel persistir indifferente diante d'este spectaculo grandioso da Peninsula que se reunia para destruir as formas do velho absolutismo, e substituil-as pelas instituições de um novo credo politico. Rodrigo da Fonseca associou-se a quasi todas as peripecias d'este complicado drama, em principio tão sobresaltado de incertezas e por vezes quasi suffocado pelos esforços desesperados do despotismo, mas por fim glorioso para a perseverança de seus martyres e apóstolos.

Mas ainda mesmo no meio d'estes abalos da nossa sociedade politica, Rodrigo da Fonseca mostrou-se antes partidario da acção natural da excellencia das idéas, do que do impeto e força das revoluções armadas. Espirito maduro, apesar dos poucos annos que então contava, e versado profundamente na analyse da historia, conhecia que as transformações sociaes, aquellas que levam seus effeitos longe, e que depois os transmudam em instituições profiquas e duradouras, nascem sempre de um principio fecundo, e que esse, incubado nos espiritos, vae pouco a pouco germinando, n'uma marcha progressiva e incessante, embora lenta, ao revez d'essas outras revoluções, que impellidas apenas por uma ambição individual, pela rivalidade de um throno entre duas dymnastias, pela sêde de conquista ou pela aversão de algumas classes entre si, rebentam como a lava do vulcão, talam as campinas, arrancam arvoredos, queimam a vegetação e a vida dos campos, e deixam como vistigio unico de sua passagem o exaspêro dos povos e a miseria das nações. Aquellas

confiam no seu influxo proprio, porque derivam de um principio moral, de um sentimento generoso e fecundo, de uma logica practica de governo, e por isso lançam unicamente mão das armas e vem bradar á praça publica, quando a oppressão dos despotas tenta suffocal-as no seu germen. É ainda mais um desabafo natural do que um intuito de aggressão esta mostra de força. As outras não; as outras vão amontoando nas maquinações tenebrosas os elementos de força e triumpho, tiram logo da espada, e substituem assim com a violencia e o terror o que não poderiam lograr com a auctoridade de seus dogmas.

Rodrigo da Fonseca amava a liberdade: como poucos deu d'isso testemunhos eloquentes até ao fim da vida: conhecia que essa aspiração generosa mais tarde ou mais cedo se havia de radicar no animo de todos os portuguezes, e por isso confiava antes á logica persuasiva do tempo, do que aos argumentos das revoltas, a victoria dos bons principios.

Além desta disposição natural no seu espirito, mais outras circumstancias concorreram para o filiar na escola doutrinaria, em que depois figurou a par do duque de Palmella, Agostinho José Freire e Mousinho de Albuquerque, e foi de certo uma d'essas circumstancias, e mui principal, as relações de estima que travou com varios dos mais notaveis officiaes inglezes, quando, ainda bem moço, serviu no Corpo de Guias, pertencente ao exercito anglo-luso, na guerra peninsular.⁴ A seriedade do espirito britanico, a sua dedicação e respeito ás fórmulas constitucionaes, e principalmente o talento practico de seus estadistas, analysado e encarecido em continuas conversações, não podia deixar de influir e lançar no animo de Rodrigo da Fonseca Magalhães os germens de principios e theorias de governo que depois fructificaram. Foi esta como uma escola practica das suas idéas liberaes; e talvez a origem da predilecção, que muitos depois lhe notavam, com que elle sempre fallava da constituição ingleza e das muitas coisas uteis d'aquelle paiz, que necessariamente lhe havia de despertar mais vivamente este culto, quando, decorridos annos, elle se refugiou em Londres com outros emigrados portuguezes.

Educado pois n'estes principios solidos de liberdade, que a Inglaterra julga antes dever ás deducções lentas da marcha do espirito humano, que aos tumultos anarchicos dos reformadores insoffridos, Rodrigo da Fonseca Magalhães antipathisava com os

⁴ Foi capitão. Mas antes d'essa época, já tinha servido no Batalhão Academico, por occasião da revolução liberal que rebentou no Porto.

abalos violentos da sociedade produzidos pela explosão do odio e furor dos partidos. Depois, os quadros ensanguentados da Revolução Franceza, como que traziam ainda os gemidos das suas victimas aos ouvidos de todos. A imagem resignada de um rei guilhotinado, cercado de sua familia perecendo ás mãos do algoz, erguia-se tambem das ruinas d'estas convulsões da anarchia, e resumia o pathetico da irresponsabilidade de um principe diante dos excessos do fanatismo revolucionario, desabafando sobre a instituição da realza. Vinham ainda ajuntar-se a estas luctuosas scenas de cadafalso e subversão de todas as normas mais puras e sagradas do respeito da familia e das classes, as devastações das conquistas do Imperio, essas outras revoluções com que o despotismo militar, em nome do genio da victoria, algemava a independencia das nações. Aparecia Saragoça em chammas; appareciam os nossos monumentos espoliados e mutilados; e o espirito da nacionalidade furagido, e não vendo em seu futuro senão as cruezas e exterminios da guerra.

Era por isto que Rodrigo da Fonseca odiava as revoluções, que as combatia, que pedia á experiencia das coisas e ao juizo dos homens a segurança e progressó das sociedades; era emfim por todo este complexo de reminiscencias de factos, uns que elle havia presenciado, outros que lhe haviam abalado o coração como um ecco doloroso, que era doutrinario, amaldiçoando os homens que entregam á fluctuação das revoltas a emenda dos erros politicos. O solo que circundá o Vesuvio abre, é verdade, othesoiros de uma vegetação fecunda, depois de tisonado pela lava que o innunda nas horas temerosas das erupções; mas é obedecendo ás condições singulares de um phenomeno da natureza, e não segundo as leis que regulam a sua marcha regular. As estações succedendo-se, o inverno concentrando e refazendo as forças nutritivas, que a primavera elabora, e o estio sazona e fructifica, vindo depois o outono como uma quadra de repouso, formam a lei geral que preside ás diversas phases da vida vegetativa. Na ordem physica, as revoluções são as tempestades.

Além d'isto, Rodrigo da Fonseca era d'aquelles homens que acreditavam que a consolidação dos bons principios em Portugal se não podia conseguir sem a concordia da familia portugueza, porque o predominio exclusivo de um partido, nunca póde ser senão o repudio das outras parcialidades em que esteja dividida a actividade politica; e os paizes jamais progridem nem prosperam emquanto os fraccionam odios intestinos, senão colligando-se, e colligindo todas as suas forças a bem da patria commum.

Este era o credo, e ao mesmo tempo a aspiração de Rodrigo da

Fonseca, e por isso elle se apregoava homem de paz e conciliação.

Os individuos que só podem medrar no meio da turbulencia dos conflictos civis, porque n'estes momentos de duvida e inconsideração não se dá pela hediondez de seu character, e a mão da necessidade acolhe-os e elevava-os muitas vezes, compraziam-se de o apregoar como utopista; mas o que fôra apenas sonho, e sonho condemnado pelos exaltados nos primitivos tempos de effervescencia, já o não era nos ultimos annos da sua vida, e hoje esses desejos tendem a formar até o fundo da nossa sociedade. Rodrigo da Fonseca já o previa, quando exclamava na camara dos pares n'estes termos: — «Se a verdade não está em nenhuma especie de exclusivismo, que importa que ella tarde em seu triumpho? Eu a professarei até morrer. Após de mim virão mais fortes defensores, espiritos mais elevados, vozes mais eloquentes, que sustentem e propaguem as boas doutrinas. Embora eu fique por muito tempo, e sempre, objecto dos motejos e do desprezo de todos os furiosos, e de todos os especuladores politicos, ao menos algum dia me farão justiça de crer que eu mirei sempre á mais perfeita união da familia portugueza toda inteira.»

E assim era, porque até do partido miguelista, do qual as suas convicções o affastavam sem transacção de natureza alguma, elle dizia o seguinte, n'outro discurso, proferido na mesma camara dias antes.

«Sr. Presidente, os principaes sectarios d'esse homem (o sr. D. Miguel de Bragança) já estão velhos; muitos jazem no sepulchro: a morte os tem reformado com mão inclemente. Esses que podiam entrar nas fadigas modernas, ainda que trajando á realista por honra da firma, pertencem a uma nova geração, de cujo espirito, ainda que não queiram, hão de participar: não podem pertencer ao tempo passado: beberam o leite de uma educação mais illustrada; estudam, e entendem o systema de hoje, que seus paes, ao menos muitos d'elles, nunca nem sequer se dignaram considerar, reputando isso um grande e horrivel peccado. Esses mancebos dedicados ás lettras querem de certo figurar na sua terra, adiantar-se, subir aos logares mais eminentes, como todos nós, e reconhecem que o caminho para chegar a esse fim é o caminho da liberdade e a adopção do systema representativo, que elles veem progredir em toda a Europa.»

A malignidade da satyra libellista vingava-se d'estes nobres e generosos intuitos de Rodrigo da Fonseca Magalhães, appellidando-o *pae nobre* da nossa comedia politica. Julgava fazer-lhe um

epigramma injurioso e tecia-lhe o elogio. De certo que era o conciliador e o homem de experiencia e atilação, para que appellavam em conjuncturas criticas. Era no meio dos partidos que elle assentava o seu campo: poucos estavam com elle, porque poucos seguem a moderação nos caminhos da politica; porém muitos o procuravam quando era indispensavel sopitar as furias das opposições, ou com sagacidade illudir a antipathia das facções voltada contra este ou aquelle caracter publico. E se todos o não procuravam, era porque elle os repudiava com disfarçada e maliciosa repulsa, porque ninguem duvidava do seu muito tacto na direcção dos negocios publicos e da sua previsão e agudeza em lhes medir o alcance. Se se tratava de um ministerio *de fusão*, d'estes cujo fim é transigir com as pretensões das parcialidades rivaes, e entretel-as e afagal-as sem as descoroçoar de todo até o governo adquirir elementos mais fortes de estabilidade, se se tratava de organizar um d'estes ministerios a que os motejadores chamam *ministerio pasteleiro*, era Rodrigo da Fonseca o encarregado de o formar, e de tomar a pasta do reino. Se era necessario dar garantias de respeito á carta e de moderação no tocante aos actos governativos, era egualmente elle o chamado aos conselhos da corôa. Se um gabinete, pela competencia difficil de conciliar de seus membros entre si, carecia de preceptor, era Rodrigo da Fonseca esse preceptor. Se finalmente era necessario contemporisar com as potencias externas, não deixando o poder entregue nem nas mãos dos exaltados, nem nas dos caracteres cujos precedentes punham em sobressalto a tranquillidade do paiz, era ainda Rodrigo da Fonseca a quem confiavam essa tarefa espinhosa, tarefa que reclamava os recursos mais sagazes da sua longa pratica dos homens e das cousas, porque era mister dirigir os actos do governo, com um olho arteiro nas paixões irritadas das nossas discordias intestinas, e com outro olho contemporisador socegando as notas dos ministros estrangeiros.

A sua ida a Coimbra, por occasião da revolta do Minho, é um acto que explica completamente tudo isto. Não partilhava das idéas da Junta do Porto, e ainda menos do systema de governo do sr. conde de Thomar, e no entanto foi elle o escolhido para ir ás provincias do norte aplacar a revolução.

Nada ha de mais chistoso, e ao mesmo tempo que melhor retrate o caracter e genero de eloquencia de Rodrigo da Fonseca, do que a narração que elle faz d'esta sua ida a Coimbra. Ponho aqui por inteiro este trecho, extrahido do discurso proferido a 7 de fevereiro de 1848, na camara hereditaria.

«Sr. Presidente, já que fallei de mim como membro que fui

«da commissão encarregada de formar o projecto para a Guarda Nacional, não poderei tão pouco deixar de mencionar-me como entidade creada n'aquelle tempo (o da revolução do Minho), e a que se deu (sem eu o saber) a denominação de chefe supremo administrativo: — Governador civil dos governadores civis (*riso*). Repito que se me deu essa qualificação sem eu o saber.

«O governo persistia no grande empenho de pacificar os povos pelos mesmos povos, isto parece estranho, porque ainda cá se não usava; mas a administração ia progredindo n'esta marcha, e havia de obter prompto resultado, se menos fossem os tropêços que encontrava. Obstaculos se lhe oppozeram, que demoraram o effeito das suas diligencias, como aconteceu comigo.

«O governo pediu-me que fosse á Beira, ou ás duas Beiras, a fim de fazer esforços para tranquillisar a sua população, que ainda se achava inquieta, posto que não tanto como tinha estado. Era meu proposito empregar todos os esforços por mim e pelos meus amigos para tranquillisar os espiritos, e inspirar-lhes confiança no governo que só queria a manutenção da Carta Constitucional e a liberdade regradada pela lei fundamental, e essa liberdade nunca seria falseada pelos ministros da rainha. Era pois a minha missão o *ite et predicate*: eu fui, mas não pude prégar (*riso*).

«Acceitei o encargo por ser difficil e perigoso, e porque entendi não dever negar-me a um sacrificio a bem da minha patria. É facil, sr. presidente, dar arbitrios: muitos os davam, mas entrar na execução d'elles, poucos queriam. O governo pois encarregou-me d'esta incumbencia, e eu acceitei-a; e havia esperanças de que da minha missão se tiraria resultado: mui pouca era a que eu tinha n'ella: assim tomei a liberdade de o declarar a Sua Magestade mesma, bem como aos ministros, a quem disse, que o menor incommodo que eu receberia seria um harmonioso *charivari* (*riso prolongado*). Eu tinha proposto ao governo a minha ida ás provincias, não como auctoridade, mas como particular: como Rodrigo da Fonseca Magalhães sou mui conhecido em varias povoações da Beira, e tenho lá alguns amigos, com cujo auxilio contava. Eram os meios de persuasão, era a linguagem da razão e da verdade que eu me propunha empregar para dar desenganho aos illudidos. Parecia-me melhor apresentar-me como particular, e fallar a todos, e ouvir a todos. O ministro do reino pensava de outro modo, e porfiava em que eu fosse revestido de auctoridade; dava suas razões d'esta preferencia. Pouco antes de chegar a Coimbra soube eu que no *Diario do Governo* viera a minha nomeação de chefe civil de um grande circulo administrativo, e desde logo contei com o mallôgro da commissão.

«Entrei na cidade, e poucas horas depois o povo, instigado não sei por quem, tumultuou-se. Foi instrumento de insidias como em taes occasiões succede. Fui insultado clamorosamente nas ruas por grande multidão de plebe enfurecida, ou que o parecia. Desgraçada gente! Inspirou-me compaixão! Em altos gritos me denominavam, e como? Como cabralista (*riso*), ajuntando a este outros nomes que não digo, como associados áquelle.

«Atraz de mim correu muita gente, e não correu mais porque eu não apressei os passos. Entrando na casa da Junta, pedi que fossem convocadas as auctoridades, mas nenhuma apparecia: tarde chegou o secretario do governo civil. O governador saíra da cidade. Vi-me ameaçado e sem meio de desempenhar a minha commissão; e para passar rapidamente sobre alguns pormenores, voltei para Lisboa, dando por acabado este negocio.

«Estranha-se isto? Pois porque foi infeliz esta tentativa, segue-se que fôra mal apprehendida? Quem não acha algum revez na vida? Os Turennes, os Condés, os Bonapartes, todos os grandes generaes nem sémpe foram ditosos: em alguns encontros voltaram as costas aos inimigos, e nem por isso se lhes nega o merito que tiveram. Perdeu-se esta batalha: eu fui o general vencido; retirei-me (*riso*). Lá houve quem não longe de mim disparasse dois tiros á saída da cidade; mas nunca intendi que me fossem dirigidos: pareceram-me dados para o ar para causar-me susto, porque soaram a tão pequena distancia que provavelmente me feririam, se isso se quizesse.»

Quantas ironias ao ministro do reino de então, quantos epigrammas á furia popular n'esta amena e maliciosa narrativa!

Como todos os talentos sahidos da elaboração das idéas modernas, Rodrigo da Fonseca começou a sua vida publica no jornalismo, para depois chegar ás altas regiões da influencia parlamentar e do governo.¹ É a legitima carreira do merito politico. Primeiro o tyrocínio nas lides da imprensa, depois a sua consagração á frente dos destinos do paiz. Foi o caminho de Bolingbroke e Addisson, de Guizot e Thiers, de Martinez de la Rosa e o duque de Ribas, de Manuel da Silva Passos e o visconde de Almeida Garrett. Mas na tribuna foi onde o talento de Rodrigo da Fonseca patenteou verdadeiramente as qualidades que o tornaram celebrado. Rodrigo da Fonseca não era um homem de acção: a actividade d'aquelle espirito, que tudo abrangia com acume e relance de aguia, nem

¹ Redigiu varios jornaes em Portugal, e em Londres tambem, durante a emigração. Já depois de ministro, escreveu egualmente em diversas folhas politicas.

lhe escapando os ridiculos, para desabafo das suas inclinações satiricas, paralisava em hesitações, quando importava determinar-se. Na posição de ministro, desleixava-se, e deixava-se surpreender até n'estas faltas. Era mais proprio para dirigir do que para executar: o seu conselho ia sempre longe, em quanto que a decisão do homem de Estado ficava muitas vezes suspensa á espera da hora que nunca chegava. Negligenciava os negocios, não por lhes temer a difficuldade, porque poucos accidentes da publica administração lhe eram estranhos, mas por descuidado, e sobretudo porque Rodrigo da Fonseca sacrificava tudo a duas boas e esparecidas horas de *cavaco*, que eram todas que elle podia aproveitar, ainda mesmo com prejuizo dos seus graves encargos. E era n'estes momentos que o character, o talento e a indole do homem se revelavam, sem refolhos, nem a gravidade affectada do ministro. Era expansiva, comesinha, familiar, intima até a sua conversação. E que conversação, alegrada de anedotas, aqui e ali salgada de apodos e ditos ironicos, de satiras frisantes, de recordações dos primeiros annos! Não poucas vezes a galeria dos nossos pygmeus politicos era passada em revista e aseteada de epigrammas. E era principalmente n'estas occasiões que Rodrigo deixava correr á solta o seu natural. Os motejos e remoques saíam-lhe dos labios fulminantes de chiste, como tiros de pistola desfechados á queima roupa. E estas horas de deliciosa e expansiva malignidade, não as trocava elle por cousa alguma do mundo. Podiam vir-lhe dizer que as *bernardas* lhe batiam á porta, ou que a opposição lhe apparelhava quatro interpellações de matar um ministro, que elle respondia a isso tudo com um novo chiste. Póde-se dizer que possuia a graça, que se desata em ditos agudos, em ironicas picantes, em comparações zombeteiras, a que os antigos chamavam *dicta, sales*. E se o gracejo lhe saía mais forte do que elle queria, se ia ferir de frente a alguem, apanhava-o no ar, colhia-o no vôo; depois era para ver o como elle se esforçava pelo disfarçar com maliciosos e novos ditos: mas se novamente lhe escapava das mãos, nada de mais interessante do que a lucta que se travava então, lucta de vivacidade e prudencia, um milagre emfim de flexilidade, de replicas incisivas, de definições maliciosas, de retractações até, se tanto era preciso; porém tudo explicado de modo que a victima ficava mais enterada, e mais exallada a palavra e vivacidade do espirito de Rodrigo da Fonseca.

Era por isto que este homem brilhava, principalmente, no parlamento, onde podia desenvolver os infinitos recursos do seu engenho, e empregar os engódos da sua palavra. Já a sua figura era

um triumpho para elle. Rodrigo tinha uma bella cabeça. Uma fronte vasta e desenvolvida annunciava a força do seu pensamento. O cabello grisalho e revólto, erguia-se-lhe n'uma desordem elegante, á maneira dos estadistas inglezes. O olho fundo e obliquo denunciava a sagacidade do homem, e a finura do character que acabava de se revellar pelo nariz adunco, e o fino sorriso ironico que lhe brincava no canto dos labios delgados e ligeiramente sorvidos. Era a expressão combinada da meditação e perspicacia. A voz era extremamente sonora, e poucas a poderiam egualar na variedade das inflexões: a palavra, essa sempre grave e concisa. Quando se erguia para fallar parecia haver alguma cousa de affectado no seu todo, o que talvez lhe dava até mais gravidade e distincção. Os seus gestos e posições tinham dignidade e altivez, sem serem theatraes. Ás vezes parecia escutar-se, como espreitando satisfeito a pureza da sua dicção e a fluencia limpida e colorida da sua phrase. Se ha oradores a quem se possa applicar com propriedade o dito de Plinio, *multo magis afficit viva vox*, era a Rodrigo da Fonseca, porque raros, como elle, possuiam a eloquencia da voz animada.

A sua discussão era solida, mas ás vezes mais arguciosa que solida, e muitas vezes entrava nos dominios do sentimento, onde sabia ferir até as cordas do pathetico; mas se era necessario, para os seus effeitos oratorios, passava immediatamente para os termos faceis da jovialidade, que, apimentada de ligeiras ironias, resumia a sua verdadeira indole.

Algumas vezes parecia affligir-se ou indignar-se, e ninguem como elle sabia tirar do peito sons mais cavos e repassados de lugubre accento tragico. Se não se soubesse que era Rodrigo da Fonseca que estava orando, todos chorariam. Mas não, porque os experimentados viam-no rir por dentro.

Até dos oculos elle tirava partido para estes effeitos, erguendo-os para a testa, quando carecia de um aspecto imponente e dogmatico, ou puxando-os á ponta do nariz, e olhando por cima d'elles, quando disparava algum epigramma. N'este momento a victima tinha de se agachar, porque a risada da camara era geral.

Na tribuna, Rodrigo da Fonseca era mais que um talento parlamentar, era um portento. Todas as faltas da sua vida publica, elle emendava com os recursos da sua palavra. Dizia só o que queria, e, como o piloto habil, dirigia a phrase e as idéas por entre todos os escolhos da discussão, sem nem sequer tocar n'um baixio. Era raro apanhal-o em qualquer questão: quando se via absolutamente sem armas solidas, retirava pela porta do sophis-

ma, ou fazia como o atirador experto, que vendo-se perseguido por numero superior de tropa inimiga, antes de saltar o valado e fugir, dispara alguns tiros dos mais certos.

As suas exposições eram sempre lucidas e ás vezes contendo todos os encantos do estylo narrativo; e nas replicas tomava não poucas occasiões as formas verrinarias do grande orador antigo; porque — diga-se de passagem — nenhum orador da nossa tribuna, nem mesmo Garrett, soube melhor alliar ás necessidades da linguagem dos negocios a pureza do nosso idioma e os dictames da eloquencia antiga.

Nas refutações ainda Rodrigo brilhava mais. Já quando elle recapitulava os argumentos do seu adversario, o fazia com tal arte, que o crivava de setas, deixando-o a escorrer sangue aos olhos da camara. No entanto, nos desforços era circumspecto, e ás vezes até generoso: só apertado disparava alguma d'aquellas frexas, que tinha tanto á mão, e que, desfechadas com olho de mestre, cortavam a invectiva na garganta do temerario que ousasse medil-o com a vista.

Uma interpeção de certos deputados, feita a Rodrigo da Fonseca, era um motivo de jubilo secreto para elle, e um espectáculo para a camara. Já na vespera se annunciava a interpeção, como se poderia annunciar uma das melhores sortes de Montes ou Solamanquino. E effectivamente, o paciente era quasi sempre passado á espada de dois gumes do ministro do reino. Nada de mais interessante do que vê-lo n'estes momentos. Começava por se fazer esperar: dava a hora e o ministro sem apparecer.

— Talvez não venha!

— Tem receio da interpeção.

— Não, que o negocio é sério.

Estas conjecturas augmentavam o interesse da situação, e o que desejava Rodrigo era accrescentar-lhe estas circumstancias dramaticas.

Por fim apparecia: vinha afflicto, e espavorido. Trazia immensos papeis na mão, e um continuo da camara com uma pasta após de si. Foi a solução difficil de mil negocios que o arredaram e não o deixaram apparecer mais cedo. Sabido o caso, havia estado a conversar nos corredores, e fôra necessario advertil-o de que o esperavam para entrar na sala. Começada assim, o resto da interpeção corria pelo mesmo gosto. Algumas tergiversações, uma argucia, dois ou tres protestos, uma appellação para a verdade da sua palavra, resumiam tudo. Os deputados riam, as galerias applaudiam, e o proprio interpellante, perguntando a si mesmo indeciso se deveria ficar satisfeito, sentava-se e calava-se.

Se, porém, o interpellante era uma das palavras fulminantes da nossa tribuna, como Jose Estevão, ou uma provocação audaz e petulante, como Antonio da Cunha, então a tactica era outra. Já antes da ordem do dia o viriam sentado no seu logar. O papel que tinha a representar era grave, e talvez pathetico. As primeiras palavras do exórdio eram pausadas. Com o lapis na mão direita, e voltado para o centro da camara, invocava algum principio generoso, que sempre encontra éccos nas maiorias. Depois annunciava que ia responder à questão, que explicaria tudo. Caminhava, chegava quasi ao terreno proprio da interpellação; avistava-a até; parecia que ia travar d'ella, e estrafegal-a nas mãos, e depois cobrir de fulminações e invectivas o adversario; mas quando havia assumado ao ponto mais culminante da argumentação, recolhia-se n'uma reticencia, n'uma evasiva, ou n'uma ironia, e descia pelo outro lado. Em seguida, se apertavam ainda com elle, dizia que tinha alli os documentos, que ia dizer a verdade; pedia até, supplicava a attenção de todos os lados da camara para as importantes revelações que ia fazer; tirava os oculos afflicto no calor do debate, e depunha-os sobre a pasta, para a qual apontava como para o arsenal d'onde a opposição tinha de vér sair os inconcussos documentos que a iam fulminar. Depois um violento murro caindo sobre a pasta, no fogo de alguma apostrophe, espedaçava os oculos.

Era a grande peripecia que estava já ensaiada de antemão, porque, quebrados os oculos, os documentos lá ficavam sem ser lidos.¹

Conhecido o logro, alguns deputados offerciam-lhe as suas lunetas. Mas Rodrigo padecia de uma myopia especialissima; não podia ver senão pelos seus oculos; e sobretudo, os papeis d'aquella pasta não podiam ser lidos senão pelos oculos quebrados.

Os papeis da pasta eram apenas algumas portarias do expediente.

Mas é tambem indispensavel conhecer a figura d'este genio da tribuna na sua parte seria, util, porque mesmo por entre estas facecias para que propendia o seu animo zombeteiro, apparecia sempre o homem de Estado; nas profundas considerações politicas, o dialectico fino, na deducção das provas, o argumentador engenhoso, nos movimentos habeis de um raciocinio adestrado em todos os prodigios da metaphysica, o homem emfim de vastos e variadissimos conhecimentos, quer historicos, quer politicos, quer litterarios. Elle captivava a camara inteira, pela elevação dos seus conceitos, e pelo vigor da sua intelligencia, e ain-

¹ Historico. *Vide actas das sessões da camara dos deputados de 1810.*

da mais pela magia de uma locução grave, ornada, concisa como a verdadeira linguagem sentenciosa, e que se elevava, não por metaphoras forçadas e hyperboles entumecidas, mas que se elevava nas azas da propria elevação do pensamento, trazendo das esferas superiores que atravessava no vôo altivo, os brilhos e as cores.

Entre as diversas arguições que lhe faziam os seus inimigos, era uma a de ser elle o mais fino introductor da fraude eleitoral. Ha exaggeração n'isto, como em tudo mais. Desde que cada boticario certanejo se reputou com direito a ser deputado, percebe-se facilmente que cada um d'estes homens se tornou em accusador acrimonioso do ministro que lhe fechava as portas do parlamento. Ora Rodrigo da Fonseca teria todos os defeitos, menos o de facultar livre accesso aos tolos. Um homem esperto, um expediente malicioso, achava sempre n'elle boa sombra; mas aos parvos não dava quartel, nem treguas. E tinha razão, porque os nescios são a ruina do mundo.

Além d'isto, Rodrigo da Fonseca costumava dizer, e com razão, que era melhor calculo politico comprar uma camara já depois de eleita, do que viciar as molas do machinismo eleitoral. E a razão é clara. Tentar a venalidade de um deputado, é apenas mostrar o mau character do individuo; e adulterar o voto publico, é desacreditar o systema. O que se passa com meia duzia d'esses espiritos corrompidos no gabinete de um ministro, podem-no saber alguns individuos apenas; mas o que se passa nos preparativos de uma eleição, sabe-o todo o paiz. Vê-se, portanto, que n'isto mesmo, de que o accusavam, elle mostrava grande presciencia, e ainda por cima respeito ao regimen representativo, de que era convicto seguidor. N'este ponto, não transigia com cousa alguma. Era liberal sincero. «Eu já me expliquei (estas «palavras são suas proprias) sobre o meu modo de pensar a respeito da suspensão de garantias, e em especial da suspensão da «liberdade da imprensa. Medidas preventivas quero poucas. Ellas «inspiram desconfiança, ainda nos paizes mais bem governados. «Não digo que jámais uma ou outra não devam ter lugar; mas «como systema, ou de uso frequente, devem ser detestadas.»

E isto não foram palavras só: os seus actos são o melhor testemunho de tudo que dizia a este respeito. Quando teve lugar o tumulto de 11 de agosto de 1840, foram suspensas as garantias; mas passados quinze dias, antes de findo o praso, foram restabelecidas, por que Rodrigo da Fonseca, então ministro do reino, foi declarar á camara, *que não podia administrar sem liberdade de imprensa.*¹

¹ Vid. actas das sessões da camara dos senadores de 1840.

Se nos transportâmos ao intimo da sua vida privada, ao seio da sua familia, encontramos um character honesto, e um viver simples e frugal, desinteressado, generoso com os ingratos, e quando era amigo, dedicado e util amigo. Talvez lhe podessem notar na sua philosophia, e até em materia de religião, um reflexo da incredulidade e do scepticismo do seculo xviii, cujos escriptores versava com predilecção.

As excitações da sensibilidade aperfeiçoam o orador, matam porém o homem. Uma hypertrophia do coração, aggravada por acerbas commoções moraes, abreviara-lhe os dias da vida, que foi extensa, pois contou setenta e um annos, mas que o seria mais, porque a sua compleição era admiravelmente robusta, se os desgostos não a minassem por dentro.

Parece incrivel! N'estes tempos climatericos de viscondados e gran-cruzes, este homem que tinha muito do antigo, teimou em chamar-se Rodrigo da Fonseca, e sobre a sua farda havia só uma medalha da Campanha Peninsular!¹

Offerecia uma certa antinomia, vêr aquella figura, uma das mais preponderantes da nossa scena politica, só com uma medalha ao peito, entre a alluvião deslumbrante da comparsaria dos nossos festejos publicos!

Estaria aquella farda assim limpa d'estas vãs demonstrações de uma superioridade que as mais das vezes não existe, para lhes fazer a satyra?

Quem sabe!

Mas não pode levar ao cabo este seu proposito; porque a finada rainha, a Senhora D. Maria II, teimou em lhe dar a gran-cruz de Christo, dizendo-lhe que parecia mal esta sua isenção, porque muitos se resentiam d'isso.

Foi pois mister a Rodrigo da Fonseca resignar-se e acceitar a mercê.

N'essa mesma noite foi ao Paço, segundo o estylo, agradecer á soberana.

A princeza sorriu-se quando o viu.

— Ria-se, Vossa Magestade, que tomou de mim uma nobre vingança, replicou o velho liberal. Tem-me dito que em occasião das nossas crises politicas a tenho feito chorar, dando-lhe conselhos que intendi acertados; agora tira a vingança; ri-se de mim!

Depois abrindo a casaca, e mostrando a facha vermelha, accrescentou:

¹ Esta medalha era a das *sete campanhas*. Rodrigo tinha tambem a *Torre e Espada*.

— Ora diga-me, não estou um paspalhão, assim com esta fita?!

Mas esta isenção era n'elle um sentimento profundo. Constituia uma parte da essencia do seu character; porque, dias apenas antes de expirar, tambem recusou o titulo de conde, com que a gratidão regia desejava, n'aquella hora solemne, mostrar quanto lhe apreciava os serviços.

Este documento é digno da antiguidade. Ahi o estampámos como um exemplo que ha de maravilhar muito orgulho.

Lêa-se primeiro a carta, em termos officiaes, que elle dirigiu ao sr. marquez de Loulé, então presidente do conselho, expondo os motivos da escusa.

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — No momento de receber a participação, «com que, por ordem de Sua Magestade, v. ex.^a me honra, apesar da oppressão que sinto da molestia que padeço, não posso «deixar de immediatamente elevar á Augusta Presença de Sua Magestade a expressão do meu sincero agradecimento, de que já «mais perderei a memoria.

«Mas meu filho, Luiz do Rego da Fonseca Magalhães, que me «iguala em sentimentos de amor e gratidão á Real Pessoa de Sua «Magestade, não póde deixar de proceder, como procedeu, vivendo a Rainha a Senhora D. Maria II, de saudosa memoria, quando, «a recusa minha de igual titulo que Sua Magestade me concedia, «elle, com decidida mas respeitosa resolução, expoz ao duque de «Saldanha, primeiro, que em quanto seu pae vivesse, elle não «tomaria na sociedade uma qualificação superior á d'elle; segundo, que não reputava os serviços de seu pae, por grandes que «fossem, para serem recompensados na pessoa do filho que nenhuns tinha feito ainda.

«Estes termos que eu mesmo tive a honra de repetir a Sua «Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II, mereceram a real «approvação d'aquella esclarecidissima Soberana, o que para mim «e para meu filho serviu de maior prova da benevolencia de Sua «Magestade e do profundo senso de justiça com que ella avaliava os actos dos seus subditos.

«Sua Magestade El-Rei, o Sr. D. Fernando, soube e teve a bondade de de approvar esse procedimento meu e de meu filho.

«Rogo a v. ex.^a a graça de fazer d'elle sabedor a Sua Magestade El-Rei, repetindo na sua augusta presença os mesmos motivos que hoje nos determinam, e que de certo hão de merecer a approvação do mesmo Senhor, a quem desde já protestamos o nosso reconhecimento.

«Deus Guarde a V. Ex.^a — Lisboa 18 de abril de 1858. — Ill.^{mo} «e ex.^{mo} sr. marquez de Loulé — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*»

Este documento prova uma grande inteireza de caracter. As honras do mundo nunca poderiam cegar o homem que sempre fizera d'ellas tão pouco cabedal, e muito menos na hora dos desenganos, quando a morte, já assentada á sua cabeceira, lhe apontava para todos esses falsos brilhos, como luzes que pouco a pouco iriam sumindo-se no abysmo das sombras eternas.

No emtanto, este documento, pelas formulas da sua linguagem official, ainda encobre de algum modo o homem, conforme elle pensava e sentia; mas onde elle se nos patentea, como se lhe devassassemos o intimo, é n'est'outra carta, dictada apenas alguns dias antes de expirar. Já então as suffocações da sua mortal enfermidade o deixavam fallar a custo, e com pequenos e interrompidos intervallos. Foi nos accessos d'esta agonia, que o seu grande espirito soube ainda encontrar as zombarias do seu antigo genio galhofeiro e mordaz, para repellir com o desdem nos labios — nos labios já frios, e contraídos pelos gelos da morte — uma d'essas ninharias creadas pela fatuidade humana. A carta é dirigida ao sr. conselheiro Fonseca Telles: só copio aqui os primeiros periodos.

«Ex.^{mo} e caro amigo — Recebi hontem a sua estimavel cartinha, e honrosa participação do sr. marquez de Loulé, fazendo-me sciente da elevação á grandeza, e qualificação de *alto dignitario*, concedida a meu filho Luiz do Rego. Beijei reverente as fadadas letras do sr. presidente do conselho; e vi n'ellas o órgão da generosa benevolencia do nosso Soberano.

«Que pena, meu caro amigo, que eu, talvez n'um momento de tropêço democratico, tivesse feito saber a Sua Magestade a Rainha, por mim e pelo seu então presidente do conselho, que me não estava bem, *Rodericus á Condeixa*, a farfance de uma carta de conde, e que em quanto ao meu rapaz, esse ria-se mais d'esses papeis de barata importação do que eu proprio!

«O duque, como homem que vê claro nas cousas alheias, mais do que nas suas, achou-me rasão. etc.»

Depois d'isto resta-me dizer ainda duas palavras da morte d'este homem singular. Poucos tem sido mais malquistados em vivos, e raros levaram após si, até á beira do sepulchro, mais geraes e profundas tristezas. Lisboa abalou-se para lhe fazer o funeral. Nobres, poderosos da fortuna, classes operarias, povo, tudo o acompanhou até ao cemiterio dos Prazeres. Triste condição do espirito humano que precisa de que o homem desça á sepultura para lhe fazer justiça! É então, e só então, que a mão da verdade grava no epitaphio o elogio de muitos caracteres. A Rodrigo da Fonseca aconteceu isto.

Aquelle espirito eminente não quiz — com justa altivez — que um titulo aristocratico viesse substituir-lhe o nome; porque o nome de Rodrigo da Fonseca Magalhães resume uma das maiores aristocracias dos tempos modernos — a aristocracia do talento e das convicções liberaes.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

A ERMIDA DE CASTROMINO

IX



anoel de Oliveira era homem honrado. Fôra devida a casualidades felizes e a incansaveis deligencias a sua immensa fortuna. Vinha-lhe tambem agora a desgraça de acasos desventurosos. Nenhum acto censuravel lhe deslustrára a carreira commercial, e os mais severos apreciadores da origem da sua riqueza, confessavam que era pura, e que o negociante coimbrão nem sequer possuia certa giria mercantil, muito frequente na classe, e que a policia correccional se encarrega ás ve-

zes de avaliar e corrigir.

O emprego do dinheiro da Misericordia em caso inesperado foi devido á certeza de ter com que substituir immediatamente essa quantia, quando fosse necessario. Não sendo obrigado a apresentar as mesmas especies que recebera, mas unicamente a somma dada em deposito, julgava elle — e julgava bem — que não poderia ser accusado de abuso de confiança, com tanto que restituísse a quantia depositada logo que lhe fosse pedida.

Pelo caminho do escriptorio para casa foi procurando socegar a consciencia com estas rasões, ás quaes accrescentava que tendo mandado pôr no banco de Londres uma porção avultada de dinheiro, nella podia ter incluido para maior segurança os noventa e dois contos que a Santa Casa apurára e mandára reservar para a reconstrucção e melhoramento do hospital. Se os Srs. Smith e Davis se aproveitaram do dinheiro em vez de o porem no banco, que culpa tinha elle na deslealdade dos seus mandatarios?

Com estes raciocinios se foram aquietando os escrupulos do velho sem que lhe occorresse que taes rasões por boas que fossem, haviam de ser dadas do banco dos réos, e não de dentro da traquitana que os machos levavam mui de passo, como pedia a inclinação do terreno, pela couraça de Lisboa acima.

A chegada a casa antes da hora habitual sobresaltou D. Anna, porém a explicação de que era causa de tal novidade uma forte enxaqueca, affastou inteiramente a suspeita de caso mais grave. Era Manoel de Oliveira attreito a esta enfermidade, a qual lhe passava deitando-se e permanecendo em repouso e silencio completo durante vinte e quatro horas. O velho abraçou e beijou a filha com amor de pae apurado agora no chrisol do infortunio, e recolheu ao quarto menos inquieto de espirito, mas realmente atacado da molestia com que imaginára occultar a sua angustia.

Henrique veio saber noticias do velho e disse que jantava com D. Anna e com a tia para que não ficassem sosinhas. Desejava descobrir se D. Anna sabia alguma coisa, e se teria valor para soffrer a desventura e para acceitar com placidez as suas penosas consequencias. Parecia-lhe que sim. Sempre lhe ouvira que não havia felicidade sem socego de consciencia, nem tranquillidade de animo, que não tivesse por base o cumprimento exacto dos nossos deveres; porém a vida innocente de D. Anna deslizára até então arredada de occasiões de praticar principios tão severos com sacrificio proprio.

Urgia a necessidade de preparar a descuidosa donzella para a triste nova dos prejuizos commerciaes. Dependiam d'ella certas reformas, e devia partir de espontanea deliberação sua o corte por certos gastos, proprios de familia opulenta mas escandalosos agora que tão outra do que dantes era, se mostrava a fortuna.

Henrique pedira a Manoel de Oliveira que occultasse á filha os desastres da casa porque cuidava poder remedial-os, porém o negocio da Misericordia viera transtornar todas as suas combinações. Dados os cem contos que estavam no Banco de Lisboa, e postos de parte os bens destinados a encargos sagrados, o que restava a Henrique não era sufficiente para cubrir o immenso *deficit* que as duas quebras tinham aberto no balanço da casa Oliveira e Comp.^a

O leitor sabe que Henrique de Mello desfructava um rendimento consideravel, porém a maior parte dos seus bens eram de morgado. Se morresse, as terras passariam a José de Mello ou a seus filhos, e D. Barbara ficaria com algumas quintas allodiaes, cujo producto annual não excedia a dois contos de réis. Elle estava resolvido a dispôr ainda de vinte contos hypothecando metade dos bens livres, mas reduzido então o rendimento d'elles a um conto de réis, cumpria-lhe não desviar um real dos valores que deviam assegurar a sua mãe velhice tranquilla, e remediada.

Neste doloroso transe hesitava Henrique entre o sacrificio do que lhe restava além da reserva destinada a D. Barbara, e a conservação d'esses bens para sustentar na desgraça a familia que já tão sua era, e que ainda mais o viria a ser quando se realisasse o casamento. No fervor da santa affeição que consagrava a D. Anna parecia-lhe que a honra e o bom nome de Manoel de Oliveira deviam salvar-se antes de attender á existencia material da familia. Vive-se mal com pão negro. Sem honra não se vive, nem bem nem mal.

Por outro lado depois de paga a divida á Santa Casa, a falta de cumprimento de outras obrigações era resultado das quebras de Hamburgo e de Londres. A fallencia de Oliveira seria honrosa. Os credores não poderiam recusar-lhe moratoria durante a qual venceria talvez a casa todas as difficuldades, e ressurgiria mais rica. Sacrificar capitaes que não eram da casa com o unico intuito de evitar ao velho a amargura do nome de fallido, seria justo, se Henrique possuísse cabedal bastante para pagar as lettras recambiadas e para continuar o trafico importante de Manoel de Oliveira.

A alma nobre e generosa de Henrique procurava acertar com arbitrio que conciliasse o descanso do seu amigo e bemfeitor com os proprios deveres de filho de D. Barbara e de futuro esposo de D. Anna. Não lhe faltou em tal conjuntura, ao menos exteriormente, o admiravel sangue frio que todos celebravam, mas os projectos succediam-se uns aos outros na mente agitadissima, e o coração batia apressado e irregular como que a pedir resolução definitiva que o livrasse de receios vagos e afflictivos.

Durante o jantar a que não assistiu Manoel de Oliveira por estar de cama, nenhum dos tres convivas, D. Anna, Henrique e a tia velha deu mostras de tristeza ou de inquietação. Muito entendido em traduzir a expressão da physionomia humana teria sido o homem que para o fim do jantar descobrisse affectação desusada na loquacidade de Henrique, e curiosidade anciosa no olhar de D. Anna. A tia, essa na verdade entregava-se unicamente á apreciação da habilidade artistica do cozinheiro, assumpto no qual o seu voto reunia á authoridade do gosto apurado a experiencia de muitos annos.

Fôra Henrique, poucos dias antes, visitar uma quinta que possuía perto de Agueda. De passagem desviou-se da estrada para o lado direito e foi a Luzo ver o palacio que se estava concluindo ali por ordem de Manoel de Oliveira em uma vasta propriedade rural que comprára, haveria dois annos. Versou ácerca das obras de Luzo a conversação durante o jantar.

Segundo affirmava Henrique, o palacio, os jardins e a tapada que ficava mui cerca da do Bussaco, logo que estivessem acabados, para o que bastariam uns quinze ou vinte contos, não seriam inferiores aos que os paes do Amaral possuíam em Mangualde, ou á celebre casa da Berjoeira que a familia Velho de Moscoso levantou a pezo de oiro por entre cerrados esquadrões de pinheiros na margem esquerda do Minho acima de Valença.

— Fica uma propriedade digna de um principe, terminou Henrique em tom de parisita lisongeiro que vae pagando em exageradas adulações o pão de cada dia.

— Tudo isso é muito bonito para quem gosta de ostentação, disse D. Anna descontente das manifestações vaidosas em que pela primeira vez peccava o seu namorado. Mas no fim de tudo para que serve tanto dinheiro que se está enterrando naquella quinta? Iremos lá uma vez cada anno. Algum haverá em que não iremos. Meu pae nunca teve grande affeição ao campo, e depois...

— Ora não finja que é ingrata, minha senhora, interrompeu Henrique com o seu ar mais jovial. Se o sr. Manoel de Oliveira não tivesse uma filha, nunca lhe viria á idéa fazer o que está fazendo.

— Obrigada. Eu bem sei que a tal filha é a causa innocente de todos os desperdicios, mas diga-me, sr. Henrique de Mello, se não era melhor comprar uma boa casa em Lisboa para se lá ir passar o inverno, quando meu pae quizesse.

— O sr. Manoel de Oliveira póde fazer as obras do Bussaco e comprar a casa em Lisboa. Uma coisa não exclue a outra.

D. Anna estava espantada d'estas vaidades de Henrique que não as tendo proprias era notavel que se occupasse contra o seu costume em affagar as alheias. A tia escutava attentamente o que dizia Henrique, e dava com a cabeça signaes evidentes de approvação.

— Diz muito bem, sr. Henrique de Mello, accrescentava ella. Meu irmão é muito rico. Póde fazer o que quizer. E depois com essas obras dá de comer a muita gente. No fim de tudo, continuou ella voltando-se para D. Anna, talvez tu venhas a viver no campo. Póde teu marido preferir ás cidades a tranquillidade da aldeia.

— Meu marido! Se a tiã não havia de vir com o meu marido, replicou D. Anna em tom alegre e deitando a Henrique um olhar mali-

cioso. O meu marido ha de gostar do que me agradar a mim. Deus sabe por onde anda agora o tal meu marido!

— Às vezes, tornou a tia tambem com malicia, e dando o exemplo de se levantar da mesa, anda mais perto do que se cuida.

Esta respeitavel tia era, como a maior parte das tias velhas, uma excellente pessoa, e desprendida de quasi todas as pertencções das tias que por morte das mães de familia as substituem na direcção dos negocios internos. Supposto que D. Anna fosse de direito quem governava a casa, a velha irmã de Manoel de Oliveira assumira o character de primeiro ministro responsavel com annuencia e satisfação da sua querida sobrinha, em cujo nome se davam as ordens como se emanassem de um Soberano dos que, por ficção constitucional assaz decaída hoje, reinam e não governam.

Quando Manoel de Oliveira não estava contente, não se dirigia á filha, ralhava com a irmã. D. Anna tambem recorria á tia em lugar de reprehender os creados ou de pedir ao pae qualquer coisa extraordinaria. A tia estava por tudo comtante que lhe dissessem que seu irmão era o homem mais rico de Portugal. Neste ponto era inexoravel e incorrigivel como se fosse irmã de opulento ricaço reexportado de Minas Geraes ou de Matto Grosso.

(Continúa)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

EPISODIOS DA VIDA DE ALEXANDRE DE HUMBOLDT

Fragmentos de uma Biographia completa.

IX

Paris e Berlim. — Missão diplomatica. — Convivencia dos dois irmãos Humboldt. —
Morte de Guilherme. — Relações de Alexandre com o rei Frederico Guilherme IV.



epois que Humboldt volveu da sua grande viagem asiatica, foi Berlim a sua residencia habitual, sem que isto o inhibisse de ir muitas vezes a Paris, aonde o chamava com frequencia a necessidade de dar ordem á publicação das obras, que no capitulo antecedente deixámos enumeradas. Paris era sempre para o illustre allemão a verdadeira patria intellectual, e ali continuava elle a contar os seus mais devotados amigos e os seus mais assiduos collaboradores na redacção de seus trabalhos scientificos.

Com o anno de 1830 chegou para a Europa inteira uma d'estas crises politicas, que tem ido repartindo em periodos revolucionarios a historia, aliás tão maravilhosa do xix seculo.

A revolução franceza partindo de Paris, á semelhança dos grandes terremotos, fez estremecer nos seus fundamentos as velhas nações da Europa, já trabalhadas pela primeira revolução, e mal

cohradas de suas primeiras turbações pela apparente e enganosa paz de 1815. O espirito moderno, a centelha democratica, que hoje aquece o mundo christão, fulgia então com maior intensidade e ameaçava conflagrar as antigas monarchias. A Allemanha, apesar da poeira feudal, que lhe encobre as aspirações modernas, padecia a febre revolucionaria, e a Prussia, que é a cabeça da democracia allemã, entrava, com o exemplo da França, n'uma situação difficil de conjurar. Os espiritos volviã-se todos para a politica na terra do grande Frederico.

Alexandre de Humboldt, enlevado quasi desde a infancia na admiração e no estudo da natureza, levando vida aventureira e cosmopolita desde a sua mais verde primavera, mal tivera tempo para pensar no que se chama, na sua accepção restricta e pessoal, a politica dos estados. Mas d'esta vez não poude esquivar-se ao eminente cargo politico, com que o seu monarcha o condecorou. Eram difficeis as relações entre a França e a Prussia. Urgia conciliar as duas nações e reconhecer a nova dynastia, que em menospreso da legitimidade genealogica, havia feito das barricadas de Paris o degrau para subir ao throno vacante dos Bourbons. Alexandre de Humboldt foi escolhido para ser o representante da sua patria politica na sua patria scientifica. Queriam-n'os os francezes por cidadão seu pelas affinidades intellectuaes, que o ligavam á França. Reclamava para si a gloria de tão grande nome a Prussia, que lhe dera a patria natural.

Em setembro de 1830 foi pois Humboldt enviado pelo rei Frederico Guilherme III a Paris, com a missão diplomatica de reconhecer a Luiz Philippe e á nova dynastia.

Desempenhada esta primeira commissão voltou Humboldt a Berlim. De novo safu para Paris com uma outra incumbencia diplomatica em 1834. Por este mesmo tempo e por intercessão de Alexandre de Humboldt, chamou o rei a Guilherme, que vivia entregue aos seus estudos litterarios, e o honrou novamente com a sua confiança, nomeando-o para o conselho de estado e condecorando-o com as insignias da ordem da Aguia Negra. Restituido Guilherme á vida publica, com elle viveu em maior frequencia o irmão, que havia voltado de Paris, repartindo um com o outro os immensos thesouros da sua erudição e representando ambos juntos a encyclopedia inteira.

No anno de 1831 foi Alexandre a Weimar, onde vivia o célebre Wolfgang Goethe, e ali visitou o poeta e d'esta visita e do extremo agrado, que o auctor do *Faust* achava na conversação de Humboldt, ficaram gloriosos testemunhos n'uma carta do poeta a Guilhermẽ.

A amena e espiritual convivência, que os dois irmãos, após tantas aventuras e ausências chegaram a desfructar em Berlim, não se dilatou por muitos annos. Aquella sociedade elegante e litteraria, que na capital e na residencia senhorial de Tegel aformoseava e dava brilho aos salões de Guilherme de Humboldt, havia ido de anno em anno perdendo alguns dos seus membros de maior celebridade. Niebuhr e Stein tinham morrido em 1831, Gentz e o *divino* Goethe em 1832, depois o grande pantheista Hegel, e o distincto philosopho Schleiermacher. No inverno de 1834-35 a saude de Guilherme começou a debilitar-se. Vivia elle então no castello patrimonial de Tegel com sua filha Carolina, com a outra filha Adelaide, esposa do general von Hedemann, com a filha Gabriella casada com o barão de Bulow. Dieffenbach e Rust, duas das maiores reputações medicas da Prussia, prestavam os cuidados da amisade e da sciencia ao illustre philologo, cujos padecimentos se foram aggravando a ponto, que a 8 de abril de 1835 lhe poseram termo á vida.

Bem é de adivinhar como a estreita amisade, mais que de sangue e parentesco, de mutua devoção e affecto intimo entre os dois irmãos, se desataria em lagrimas n'aquelle transe doloroso. A 10 de abril escrevia Humboldt ao seu bom e querido Arago, d'esta vez não para conferir com elle sobre a sciencia da natureza, senão para desaffogar no seio do amigo a saudade pungente do irmão. «Acho-me no mais profundo desalento. Nas grandes dores pensamos naturalmente nos que nos são caros. Allivia-me escrever-vos... Eis-me agora bem só. Mas conforta-me a esperança de que ainda este anno vos poderei abraçar.»

Guilherme confiára a seu irmão, que elle presagiára lhe haveria de sobreviver, como legado as suas obras litterarias. Só Alexandre de Humboldt podia ser o herdeiro d'aquellas riquezas intellectuaes. Alexandre cumprio com uma especie de veneração religiosa pela memoria do irmão o dever da sua confraternidade consanguinea e espirital, preparando para a impressão os escriptos, que herdára de Guilherme.

De todo este espolio litterario valioso elegeu Alexandre como assumpto predilecto de seus trabalhos, as investigações que o irmão deixára escriptas sobre a *lingua cawi*. Fôra o proprio Humboldt que havia colligido para Guilherme a somma principal de apontamentos e noticias para este trabalho linguistico. Tinha n'elle pois o interesse de collaborador a accrescentar ao respeito, com que venerava o grande intendimento de seu irmão.

Continuava sempre Humboldt a trabalhar na redacção da obra ácerca da viagem asiatica. Por este tempo escrevia o sabio prus-

siano as *Investigações criticas sobre o desenvolvimento historico dos conhecimentos geographicos do Novo-mundo e os progressos da astronomia nautica* no xv e xvi seculos.¹ Deu-se a obra á estampa em lingua franceza, idioma habitual do sabio cosmopolita. Depois a verteu em allemão o erudito Ideler, um dos ornamentos da classe philologica da real Academia das Sciencias de Berlim. Comprehende esta obra os estudos de Humboldt sobre a geographia do novo continente em muitos annos de viagens e leituras, e era destinada a servir como de introducção a um grande escripto, com que tencionava enriquecer a moderna litteratura, a *Historia de Colombo*. Lastima foi, de certo, que o illustre sabio, que conquistou a terra americana para a philosophia natural, divertido por outras obras monumentaes, não levasse a cabo a empreza começada. Quem de feito mais digno de narrar as aventuras de Colombo, do que o insigne naturalista, que foi o seu continuador, e como que a seguuda encarnação d'este genio aventureiro, que rasgou no seculo xvi os horisontes do mundo conhecido, illuminado por esta brilhante inspiração, que é na ordem providencial da humanidade a revelação continuada em nossos dias?

Para que o seu nome ficasse gloriosamente registado em todas as paginas da sciencia no seculo xix, escreveu Humboldt uma memoria, que vinha esclarecer uma questão, n'estes ultimos annos ainda ventilada pelos economistas e pelos financeiros.

Na *Revista trimestre de Cotta (Cotta's Vierteljahrschrift)* appareceu este valioso trabalho economico sobre a producção e o valor do oiro.

Em 1839 e 1840 publicou uma *nova carta hypsometrica das cadeias de montanhas e vulcões da Asia central*.

Por morte de Frederico Guilherme III subio ao throno Frederico Guilherme IV, que ainda ha poucos mezes desceu ao tumulo depois de uma dilatada e penosa enfermidade. Se o primeiro daquelles soberanos honrara Humboldt com as mais sinceras mostras de seu affecto e admiração pelos talentos e serviços do sabio, não foi menos sollicito o successor em receber em seu valimento e intimidade a primeira illustração da Allemanha em nossos dias. É sabida geralmente a inclinação, que Frederico Gui-

¹ Divide-se a obra em quatro secções. Na primeira se investigam as causas, que prepararam e produziram o descobrimento do Novo-mundo. Na segunda se referem alguns factos, que mais de perto tocam a Christovão Colombo e a Amerigo Vespuccio. Na terceira se tracta das primeiras cartas do Novo continente e da epocha, em que o nome de America começou de ser vulgarizado na Europa. Na quarta se relatam os progressos da astronomia nautica e da chartographia nos seculos xv e xvi.

lherme iv sentia para a cultura do espirito e quanto honrava os sabios e pensadores, honrando-se a si proprio em os admittir, como tem sido habitual na familia de Frederico, á mais cordial familiaridade. O monarcha estreitou, se é possível, no throno os laços de confraternidade litteraria e de amisade affectuosa, com que havia, sendo ainda principe real, ganhado a gratidão e a amisade de Humboldt. O sabio foi então o conselheiro privado, o amigo do rei, o seu socio nos prazeres intellectuaes. Em Berlim, em Potsdam, em Sans Souci o seguia sempre o naturalista e era sempre o companheiro certo das pequenas jornadas ou das viagens mais extensas, que o monarcha fazia por sua deleitação ou por causa de negocios publicos. Já mui velho, mas sempre incisivo na conversação, agudo nos conceitos, copioso na doutrina, livro aberto e vivo de toda a sciencia humana, propenso ainda a uma tal ou qual festiva dicacidade, propria e innata aos grandes genios, o celebrado naturalista acompanhava o rei para toda a parte, não intruso como um cortesão, mas convidado e buscado pelo monarcha, que não podia já passar sem o trazer habitualmente em sua intimidade. Mas raro e felicissimo cortesão era Humboldt! não se lhe ficavam as sollas dos sapatos fincadas nos tapetes das regias antecamaras, para que do culto da realisa lhe não restassem ocios para a sciencia, que era para elle a maior e a mais veneranda soberania.

Os annos de 1840 a 1841 foram de immensa actividade para Humboldt. Nas colleccões academicas appareceram memorias suas *sobre a sua ascensão ao Chimborazo, e sobre as alturas medias dos continentes*. Completou durante aquella epocha uma outra memoria *ácerca de algumas posições importantes da Guyana*. Trabalhava tambem por este tempo na continuação do *Kosmos*, que havia interrompido com a expedição á Russia. Levava-lhe muitas horas o trabalho de corrigir, ordenar e dar á estampa os escriptos ineditos de Guilherme de Humboldt e os encargos de membro da commissão instituida para a publicação das obras completas de Frederico II, cuja edição verdadeiramente principesca e monumental ainda não está até hoje concluida.

Em principios de 1842 o nomeou o rei para formar parte do cortejo, que devia acompanhar Frederico Guilherme iv a Londres, aonde ia assistir ás solemnidades do baptismo do principe de Galles. Em Inglaterra achou Humboldt o mesmo obsequioso acolhimento, com que fôra recebido das passadas vezes, que ali estivera, agora talvez encarecido com o alto conceito e valimento em que sabiam o tinha o seu monarcha, primeiro apreciador do seu glorioso camarista.

Em fins de maio do anno de 1842 festejava-se o centesimo segundo anniversario da aclamação de Frederico II. Determinou o rei accrescentar a solemnidade d'esta occasião, instituindo uma ordem consagrada a galardoar os mais brilhantes serviços, prestados á civilisação intellectual, na Allemanha e fóra d'ella, pelos mais distinctos sabios, artistas e escriptores. A ordem chamada *pour le mérite*, fundada pelo grande Frederico, fóra quasi exclusivamente destinada a premiar gentilesas militares. Apenas cinco homens haviam recebido esta honrosa distincção por titulos puramente litterarios ou civis. Eram Voltaire, Maupertuis, Algarotti, entre os estrangeiros, o ministro von Marschall e conselheiro von Eckwricht, entre os nacionaes. Frederico Guilherme IV accrescentou á ordem militar, uma classe para os meritos civis e litterarios (Friedensklasse). Ordenou-se que de todos os sabios e artistas allemães se legessem trinta, a quem se conferisse a nova condecoração. Além d'este numero poderiam ser com as insignias da ordem agraciados os estrangeiros, que o merecessem por seus titulos intellectuaes. Alexandre de Humboldt, como o primeiro sabio entre os seus contemporaneos, foi nomeado pelo rei grão chanceller da ordem novamente instituida.

(Continúa)

J. M. LATINO COELHO.

A Julio Cesar Machado dedica estes humildes versos, o seu
affectuoso amigo e admirador

Henrique Van-Deiters.

O JUDEU ERRANTE

Paraphrase da lenda allemã de Schubart.

I

D'uma caverna escura e tenebrosa,
do Carmello nos vórtices fendida,
sae Ashwero. Na onda pavorosa
dos tempos, p'rá região da outra vida,
seculos quasi vinte hão deslisado,
depois que solitario e vagabundo,
qual reprobado por todos rechaçado;
no intimo o remorso, a magua, a dôr;
proscripto, só, maldito do Senhor,
d'um pólo a outro pólo corre o mundo!

II

Quando o Christo accurvado sob o peso
do lenho que remiu a humanidade,
aos insultos das turbas indefeso,
d'Ashwero supplicou a piedade,
dizendo-lhe: deixae-me por instantes
no degrau d'esta porta repouisar,
aos membros meus, por golpes lacerantes
retalhados, um triste allivio dar,
que no céo heis-de haver a recompensa:
em vez da compunção, da caridade,
balsamo que mitiga d'alma as dôres,
e, grato, revigora n'ella a crença,
— só ameaças, blasphemias, crus rigores,
nos labios do algoz foi encontrar!

— Caminha! enraivecido brada Ashwero;
 e da tripeça erguendô-se hirto e fero,
 á palavra ajuntando vil ameaça,
 do immundo alvergue o Redemptor expulsa.
 Humilde soffre o Martyr a repulsa;
 da cruz trava outra vez, a cruz abraça;
 e inerte, quasi exangue,
 mal podendo suster a vida escassa,
 que inda lhe arde no peito lacerado;
 exausto, moribundo, involto em sangue,
 c'um gesto contristado
 do tegurio d'Ashwero, então, se affasta.
 Á repulsa do barbaro nefasta,
 impassivel, sereno o Deus ficou.
 Dos labios um gemido, um só queixume,
 qual mostra do crucianté pesadume
 que n'alma a acção d'Ashwero lhe deixou,
 nenhum de seus verdugos lhe escutou!

III

Vacilla o impio! Trépido, tomado
 de panico pavor, ao chão baqueia!
 Da morte um anjo pelo Deus mandado,
 acceso em fogo um gladio lhe meneia
 por sobre o rosto livido e turvado!

« — Negaste, ó reprobó, o repouso ao filho
 do Omnipotente, ao Redemptor do mundo!
 — o archanjo brada — quando inerte, exausto,
 rotos os membros por atroz supplicio,
 rudes tormentos, t'o implorou em supplicas.
 Á dôr negaste refrigerio, allivio,
 cravando mais de teu irmão nos seios
 o agudo espinho de soffrer acerbo.
 De Deus a ira sobre a tua fronte
 suspensa está! Caminharás no mundo
 até ao fim dos seculos!
 Um genio lugubre do inferno solto,
 de terra em terra te seguirá as pégadas!
 E quando, Ashwero, esses teus membros lassos,
 ao chão pedirem o repouso amigo,
 e a vida quasi a abandonar-te seja;
 a mão do genio foragido ás trevas,
 o gladio em chammas manejando iroso,
 virá lembrar-te que parar não podes!
 Com voz tremenda, te dirá: *caminha!*

— que assim também o disseste um dia
 ao Homem-Deus, ao Salvador dos homens!
 Verás eterna esta sentença escripta
 no céu, na terra, aonde o olhar fitares!
 E a paz dos mortos, o descanso ultimo
 que as penas finda, que nos traz a vida;
 a somno eterno, que na tumba dormem
 o rico, o pobre, o virtuoso e o reprobó,
 ser-te-ha negado, até que ao mundo baixe
 do Ser Supremo, outra vez, o filho!»

E iroso, o gladio acceso em igneo lume,
 do impio a fronte, o anjo fustigou;
 e após em nuvem de horrído negrume,
 nos intimos da terra se entranhou:
 Horrenda imprecação, horrendo grito,
 nos eccos da montanha resoou.
 Rugindo, ergueu-se o reprobó maldito,
 ergueu-se e caminhou!

IV

Calára-se de ha muito o murmurio
 dos canticos na selva;
 de fundo somno presa,
 sobre alfombra de fôfa, humida relva
 reclinada, dormia a natureza!
 — Era noite. Da treva o veu sombrio,
 n'um mar d'escuridade
 transmutando a sidérea immensidade,
 o apathico silencio do pavor,
 que mil vagos receios n'alma gera,
 pela terra estendera
 no lugubre negror!

Eil-o! Lá vem descendo a lerdo passo
 dos solidosos cumes do Carmello;
 o olhar turvado e baço
 no horisonte cravando, até perdel-o
 na sombria amplidão do ermo espaço!

Severo o rosto, a barba encanecida,
 na dextra d'esqueleto, descarnada
 sustenta, comprimida,
 negra e suja caveira esburacada,
 pelo dente dos seculos roida!

Era meu pai! prerompe contristado,
e craneos sefe, mais, do chão levanta,
e ao abysmo os arroja com um brado
de rabido furor, que o ermo espanta,
e soando vae no monte amaldiçoado!

— E estes de quem são? Minhas esposas!
e mais sete caveiras vão rolando
nas grutas do Carmello tenebrosas.
E estes? — clama Ashwero concentrando
no sorrir mil lembranças dolorosas?

Mais sete erguera ainda. — E estes? Eram...
eram meus filhos! Já todos do Eterno,
a morte, a doce morte receberam.
Dormem todos! Eu só, do negro inferno
d'infinda vida, as penas me couberam!

V

Pela ira celeste fulminada
cafu Jerusalem;
e Roma, qual rainha desthronada,
em pó cafu tambem!
Arrojei-me á voragem das ruinas
em chammas incendidas;
voragem que do ancião e do innocente,
d'ambos, medonha, devorára as vidas;
e esperei... mas em vão!
Baldado foi o anhelos,
que n'alma concebi,
baldada foi a doce esp'rança minha;
embalde tudo foi, que não morri!
Das ruinas no pélago profundo,
terrivel uma voz bradou: *caminha!*
Baqueei anniquilado,
cosida a face ao chão;
e dos labios do archanjo despenhado
á vontade do Ser Omnipotente,
a negra predição
— de caminhar no mundo eternamente,
de novo ouvi, tremendo,
em ira e raiva ardendo!

E seculos correram após seculos;
e durante o aligero discurso
d'esses sec'los, nações vi abaterem-se

ante mim, elevarem-se, e esconderem-se
para sempre, no pó do esquecimento!
O brilho de mil c'roas apagar-se,
qual o sol no limite de seu curso,
das paixões no oceano turbulento!

Sceptros mil vi quebrados,
e despotas dos thronos despenhados
ao impulso da empyrica justiça,
que tudo abrange e vê!

Morrer eu tudo vi, que tudó acaba
n'este mundo, segundo a lei divina;
só eu morrer não pude! É minha sina
ficar sempre de pé!

Do pincaro alteroso
d'um rochedo que as nuvens topa e fende,
aos intimos do oceano tenebroso
que as bases lhe defende,
me arrojai... em seu seio a morte esp'rando!
Medonho, encapellado vagalhão,
a mil outros, tremendos, sotoposto,
mugindo como em furias o leão,
para mim cresce, os cumes alteando:
firme o espero; de frente dou-lhe o rosto;
mas a vaga, qual horrida montanha
tremida pelo abalo de um vulcão,
treda pára e recua!
das aguas no profundo o dorso entranha;
impeto cobra, e erguendo-se de novo,
com dupla furia, rēdobrada sanha,
na cúspide me lança à praia nua!

À cratera do Etna a frente inclino.
Ha muito que as raizes do collosso
convulsas estremezem,
longe o terror levando e o destroço;
e ha muito que um fogo purpurino,
saído da entranha
do vulcão, d'ignea côr o ceu desenha!
Atrevido á garganta fumegante
desci, que vão pavor me não entrava
dentro d'alma, e uni aos do gigante
meus mugidos, durante
o espaço de dez luas!

Mas ai! do seio das entranhas suas,
d'involta com um mar de chamma e lava,
o Etna me vomita!

Acordei sobre as cinzas, assombrado,
 — n'um turpor, que de perto a morte imita —
 Ai de mim! esse allivio,
 que ha tanto pelo mundo busco, ousado,
 — a morte, que as terrenas dores finda,
 e nos céos uma vida nova gera —
 por Deus mais uma vez me foi negado;
 porque eu... vivia ainda!

Um outro vasto mar de rubras chammas
 abraza o horisonte. Delirante
 a elle corro e vôo, estimulado
 da morte pelo aneio meu constante,
 que no peito me implanta a ousadia!
 Uma virgem floresta inteira ardia.
 — Espectaculo horrendo e pavoroso!
 Imovel contemplei-o
 largo tempo, e arrojé-me
 depois ao voraz seio
 do incendio, anhelante, pressuroso!
 Candentes as rezinas gottejaram
 sobre mim; minhas carnes consumidas
 são quasi pelo fogo,
 meus ossos dessecados!
 Então, de dor transido, em altos brados,
 a morte imploro e rogo:
 embalde ainda! Deus não me escutou.
 A chamma que a floresta devastou,
 em cinzas convertendo-a,
 a mim.... não me abrasou!

Metade mais da terra
 n'um pélogo de sangue
 fluctuando, gemia em crua guerra;
 e carnivoras feras similhavam
 os homens. Esquecido elles haviam
 que todos da mesma arvor'descendiam,
 da mesma origem todos emanavam!
 Das batalhas ao pégo truculento,
 audaz me arremècei;
 aos do genero humano
 famintos, crus algozes me juntaram.
 Do invencivel gaulez e do germano
 do barbaro, terrivel serraceno,
 as iras provoqueei;
 mas nem o menor damno

os innumeros golpes me causaram,
 das lides, em que adrede me lancei!
 N'este peito mais riço que a couraça
 dos que feros botes me vibravam;
 n'este craneo mais duro do que a maça
 dos adversarios meus, o ladio e a lança,
 qual fragil, tenue vidro se quebravam!

Mallograda inda eu vi
 de meus dias findar a doce esp'rança!
 D'inimigas phalanges aos embates,
 nú, inerme, este peito offereci;
 fui heroe, mais que heroe! em mil combates;
 mas que importa? se n'elles não morri!
 Não morri; porque a flecha zumbidora,
 e o dardo envenenado,
 em meus rins se embotou,
 qual raio de tormenta rugidora
 de giganteo rochedo em bronzea crusta,
 cuja hispida e adusta
 cerviz, os céos profura!

Debalde com a pata ferrea e dura,
 scintillante o cavallo na batalha,
 scintillante d'indomita bravura,
 meus membros recalcou!
 Em vão a bomba prenhe de metralha,
 nos ares recurvando-se e zumbindo,
 e a morte nós fragmentos distribuindo,
 junto a mim rebentou!
 Em vão! Ferrea muralha
 era meu corpo: a morte inda zombou!

Debaixo de meus pés pejada mina
 de polvora, rebenta.
 Qual projectil p'la funda arremeçado,
 ao seio dos espaços
 voei, em uma nuvem embrulhado
 de cadav'res, sanguenta.
 Como de um sonho horrifico, atordoado
 desperto do turpor.
 Pelo chão, ao redor,
 em ondas o meu sangue jorra e pula.
 Ver cuida a extrema hora da agonia:
 minhas carnes, os nervos,
 meu craneo, e até dos ossos a medula
 são queimados. A morte, então, pedi

de novo, n'uma supplica fervente;
Mas.... não me ouviu nos céos o Omnipotente;
ai! não! porque eu vivi!

Sobre minha cabeça a clava d'ago
se quebrou, meneada por gigante,
do algoz desconjuntando o rijo braço!
Do carnívoro tigre o bronzeo dente
em mim não pode entrar;
e nem mesmo o leão fero e ingente,
os ossos me enfeixando em ferreo enleio,
e as garras enterrando-me no seio,
me pode os tristes dias acabar!

A ira eu accendi de vís tyrannos.
Ousado disse a Nero: és um verdugo!
Disse a Muley Ismael: és um algoz!
Inauditas torturas me applicaram
ambos, supplicio atroz;
mas ai! não me mataram!

Das solidões do pólo
entre o gello, o signal de sete cravos
dispostos n'uma cruz, hão-de encontrar;
d'America no sólo,
lá nos plainos mais asperos e bravos,
quer no seio de tétricas florestas,
quer d'hórridos abysmos nas arestas,
este triste signal inda hão de achar!

Dos cumes das montanhas
que em nuvens escondidos,
co'a fronte roçam o setim dos céos,
ás da terra mais lobregas entranhas;
nos eccos repetidos,
os eccos hão de ouvir de meus gemidos,
vestigios hão-de achar dos passos meus!

VI

Vagar no mundo incessante,
qual eterno peregrino;
caminhar eternamente,
eis meu hórrido destino!

Não topar n'esse caminho
coberto de tanto espinho,
um poiso, embora mesquinho,
p'ra meus membros repouso!
N'esta estrada de amargura,
Onde a par da desventura
vago, a negra sepultura
não poder nunca encontrar!

E depois de tanta lida,
de tanta illusão mentida,
não poder da triste vida
desatar o flebil nó!
Arrastar por esse mundo,
immerso em pezar profundo,
este ignobil, este immundo
montão de fétido pó!

Por flores dar com abrolhos
d'esse trilho nos escolhos,
e debaixo de meus olhos
monotonia só ver!
O discurso quasi extincto
d'annos dois mil, no recinto
do preterito faminto;
ver tudo isto, e não morrer!

Constante ver a maldade
pelo mundo triumphar;
e a virtude e a castidade
ao vicio ceder logar!

Incolume ver o crime
das leis mais santas zombar;
e a innocencia como o vime
aos algozes se dobrar!

Ver escravo sempre o pobre
anté o rico se prostrar;
festejado o creso, o nobre,
e o povo sempre a penar!

O abysmo da eternidade
vinte seculos tragar;
e sempre eu a mesma idade,
a mesma sempre contar!

VII

Oh! vós, Eterno Ser, juiz supremo,
 arbitro dos destinos d'este mundo!
 consenti que o arranco exhale, extremo,
 que os grilhões despedace, entre que gemo,
 da vida, n'este pélago profundo!

Se no céu um castigo heis mais terrível
 que este, que ha vinte seculos me opprime,
 dae-m'o, ó Deus! que será elle pref'rível,
 p'ra remir a grandeza do meu crime,
 ao de á morte ser sempre inaccessible!

Vós sois justo, sois bom, e sois clemente!
 Crime não se commette, que ao perdão
 jus não tenha, se remorso duro, ingente,
 o peito nos tortura, permanente,
 nos consome voraz o coração!

Dae-me a morte! Findae esta amargura
 em que annos já dois mil hão deslizado!
 Fulminae-me co'a morte a mais escura;
 mas deixae que repouse socegado
 nas entranhas d'humilde sepultura!

VIII

E assim, immovel, quedo,
 marmoreas as feições, a olhar pasmado,
 triste clamava o misero, postado
 sobre o topo d'um árido rochedo!

O Eterno que é clemente,
 d'Ashwero o rogo ardente
 sollicito escudou.

— Nos amagos do céu, tremendo um grito,
 eccoando resoou;

após, pelas quebradas de granito,
 qual átomo p'los ventos redopiado,
 de carne um feixe inerte e mutilado,
 estalando rolou!

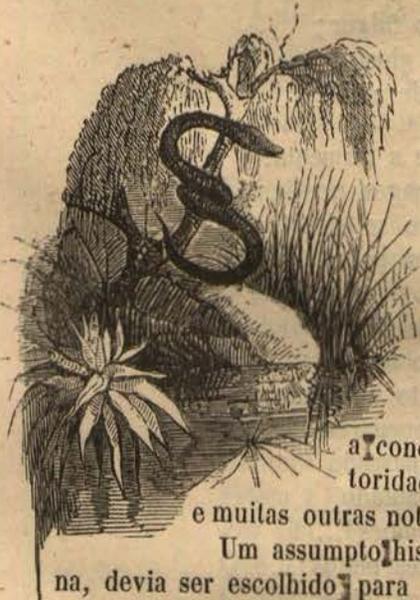
Da agreste penha, o reprobó maldito,
 aos vortices da ignota eternidade,
 de Deus a piedade,
 n'um raio despenhou!

N'um antro do Carmello, junto aos ossos
dos seus, sepulchro a morte lhe cavou!
Tem por campa de rocha dois collossos;
 por preces funerarias,
 nas penhas solitarias
o mésto susurrar dos ventos só;
 por mortalha os destroços
 de rispidas tormentas,
 e as camadas de pó!

HENRIQUE VAN-DEITERS.

CORRESPONDENCIA DO BRAZIL

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1861.



ão dois acontecimentos notáveis, um no dia 16, outro no dia 21 do mez passado, que formam hoje o principal assumpto da minha correspondencia.

Seguindo a ordem chronologica darei o primeiro logar á noticia do festejo dado pela Sociedade Amante da Monarchia e Beneficente, no Theatro de S. Pedro de Alcantara, em honra do anniversario do Senhor D. Pedro V.

O theatro, armado a capricho e profusamente illuminado, offerecia um spectaculo deslumbrante. Foi extraordinaria a concorrencia, distinguindo-se além das auctoridades portuguezas, os ministros brazileiros e muitas outras notabilidades do imperio.

Um assumpto historico, desenvolvido por uma habil pen-
na, devia ser escolhido para esta noite, e assim aconteceu. Representou-se o bellissimo drama *Martim de Freitas*, composição do nosso primeiro dramaturgo, Mendes Leal Junior, e por elle dedicado á sociedade. Citados o thema e o auctor, seria superfluo o elogio.

Nos intervallos foram recitadas, em scena aberta, varias poesias allusivas ao acto, sendo todas bem recebidas pelo publico. No fundo do theatro via-se o retrato do Rei, e por baixo d'este, a data 16 de setembro.

Os poetas não poderam resistir á influencia do sentimento patriotico, e, commemorando o anniversario do monarcha, aproveitaram o ensejo para manifestarem as suas idéas contra o Iberismo.

Será desnecessario accrescentar que os brados contra essa phantasmagoria formam uma voz unisona entre os portuguezes residentes no Rio de Janeiro. Eu não argumentaria com qualquer que tentasse sustentar um pen-

samento contrario: procurava-lhe a origem, descobriria de certo que, tendo nascido em outra parte, andava por engano com foros de portuguez; o que deveras o fôr nunca será apologista da união-iberica.

Transcreverei aqui a poesia recitada pela actriz Ludovina Soares da Costa:

Que brilho!... Que festa!... Que estranha harmonia!...
De tantos prodigios a origem... qual é?...
Calcando a tristeza, que a vida angustia,
Do jubilo a imagem diviso de pé!...

Quem pôde nos rostos que vejo radiantes
Tão ledo, tão vivo, pintar o prazer?
Quem faz que dos peitos aqui palpitantes
O ardor se transmita, se escute o bater?...

Um dia!... Uma data que aviva a memoria
D'um astro nascente, d'immenso fulgor;
Um astro prenuncio de dias de gloria,
De goso e venturas, de paz e de amor!...

E o tempo caminha; — não ruge a tormenta,
Não vem negra nuvem que a magoa prediz;
E o astro, mais claro, mais vivo se ostenta,
Brilhando, formoso, no céu d'um paiz!...

E que paiz!... E que fama!
Que nome no mundo têm!
Nobre orgulho o peito inflamma
Se á mente a lembrança vem!...
Orgulho, sim, d'um passado
Tão heroico, e tão cantado
N'esses cantos de Camões!...
Quem teve mais fortes peitos!...
Quem conta mais altos feitos,
Mais honrosas tradições?

Oh! Ninguem!... O mundo o sabe,
Que *um livro* lh'o mostra em si.
É vasto o quadro, não cabe
D'um resumo o esboço aqui!
Nem é justo a portuguezes
Recordar-se, inda mais vezes,
Tantas acções immortaes;
Que esses titulos de gloria
Gravara-os a mão da historia
Em seus corações leaes!

Se estereis lutas, por dias,
Foram fataes á nação,
Essas paginas sombrias
Já do presente não são;
Sahiu mais pura a verdade,
Mais altiva a liberdade,
Mais duradoura a moral;
E o solio, sempre famoso,
Não perdeu seu nome honroso,
Chama-se inda Portugal!

E sempre o será, que um nome
Que a fama eternisa assim,
Jamais o tempo o consome,
É immortal, não tem fim;
Vive o patrio amor ardente,
Ha quem a fama sustente
Á sombra de sabia lei;
E um paiz é sempre novo
Quando um rei ama o seu povo,
Quando um povo ama o seu rei!

E deste mutuo amor surge o heroismo,
Dá-lhe vida mais longa o patriotismo,
Exalta-se o valor contra a oppressão;
O passado revive, e no presente
Ninguem ouse sonhar ver dependente
Uma nação assim, d'outra nação!

Não se dá nem se vende a liberdade!
Herança dos guerreiros d'outra idade,
Ficara a independencia aos filhos seus:
Por ella, fôra cada luso um bravo,
Que é do livre sómente, e não do escravo,
O amor á patria e ao Rei, e a crença em Deus!

Lusitanos, que amaes a Monarchia!
Jurae a PEDRO QUINTO, no seu dia,
Que heroes inda sereis mais uma vez;
Que o povo portuguez, se ás armas corre,
Peleja até vencer... arqueja... morre...
E ainda ao morder a terra — é Portuguez!

A Sociedade que assim justificára a primeira parte do seu titulo, honrou tambem a segunda, com actos de beneficencia. Excede a setenta o numero dos socios necessitados, soccorridos n'este anno pela benemerita Sociedade;

que hoje conta mais de 1.200 socios, e foram igualmente attendidos, no dia 16 de setembro os que se apresentaram com o jus ao auxilio d'aquella instituição.

Nos dias 16 e 22 do mesmo mez esteve exposto ao publico o magnifico hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, de que opportunamente falarei. Agora convém dar noticia do notavel acontecimento do dia 21, a que me refiro no principio d'esta correspondencia.

Foi a inauguração do soberbo dique da ilha das Cobras. É uma obra monumental, cuja posse é summamente gloriosa para o Brazil.

Segundo a descripção do *Jornal do Commercio*, «tem o dique 305 pés de comprimento sobre 92 de largura e 33 de profundidade, com um calado de agua de 28 pés, termo medio, e 23 na baixa mar, que permite «entrarem n'elle as embarcações de primeira classe em todo o estado da «maré. Enche-se em tres quartos de hora, e estando cheio, esgota-se em «cinco horas e meia para receber uma fragata de primeira classe. O esgoto «é feito por meio de um *tunel*, que, communicando com um poço de 6 pés «abaixo do dique, onde estão as bombas, facilita que elle a todo o tempo «fique inteiramente secco. A sua entrada é de 70 pés, dimensão superior «á de qualquer outro construido até hoje.»

Não cabe aqui a descripção exacta d'esta maravilha que a natureza offereceu á arte, e de que esta soube tirar o mais brilhante resultado!

Quem chamar ao magestoso dique um prodigio, justifica-se accrescentando que é formado de uma só rocha, cuja excavação foi começada em 1825, por criminosos condemnados a trabalhos publicos!

Em 1830 foi forçoso suspender-se a escavação, por circumstancias imprevistas, começando de novo em 1843.

Um contracto celebrado em 1852, com Mr. Toker, deu a este trabalho mais vigoroso impulso, cabendo, por fim, ao engenheiro Law a gloria da conclusão.

O acto da inauguração foi uma festa verdadeiramente nacional.

Assistiram SS. Magestades Imperiaes, e todos os altos funcionarios publicos e pessoas notaveis do Rio de Janeiro.

Ao som de estripitosos vivas e entusiasticas aclamações, foi o dique invadido pela corveta *Imperial Marinheiro*.

A familia imperial tinha descido ao interior do dique, onde foi dada a benção pelo ex.^{mo} bispo do Maranhão, seguindo-se um bello discurso proferido pelo ministro da marinha.

Terminarei aqui, visto que as dimensões d'este jornal se não prestam ao muito que poderia dizer-se sobre tão importante assumpto.

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA POLITICA

Lisboa, 31 de outubro de 1861



lena calma politica. Falta de successos e ainda mais de ideas. Ainda uma ou outra folha periodica se lembra de discutir o partido novo, como se discute um acontecimento historico, de pequena monta em si e nos seus resultados, á falta de melhores assumptos.

A folha official vem magra e esteril como as sete vaccas do sonho de Pharaó. Nenhum signal de vida administrativa. Parece que o poder está em ferias ou a banhos de caldas. Será esta

calada annuncio da fecunda iniciativa, que vai desenvolver-se em presença das camaras, na proxima abertura de 4 de novembro? As pessoas bem informadas affirmam que esta solemnidade constitucional será immediatamente seguida de um addiamento até o novo anno. O poder quer meditar.

Que conveniencia politica justificará este addiamento? Não haverá momentosos assumptos economicos, pendentes ha perto de dous annos da tela parlamentar? Não haverá ramos da administração publica, que estejam reclamando instantemente a interferencia do poder legislativo? O inverno no nosso clima, em relação aos nossos habitos e mais ainda ás disposições topographicas e hygienicas da casa das camaras legislativas, é a estação propria dos trabalhos parlamentares. Quanto mais tarde começar a sessão ordinaria, mais adiante se prolongará pelos mezes de estio, em que a vida em Lisboa é insupportavel. Desadoramos estes expedientes, se não se alegar motivo plausivel, com os quaes se pertende talvez procrastinar a vida de uma situação politica á custa do uso immoderado da prerogativa real. N'esta época o manto da realesa é demasiado transparente para que possa esconder os que pertendem acubertar-se nas suas dobras.

Mas pois que os ministros se somem, fallaremos do Rei, cujo espirito patriotico o tem levado n'estes ultimos tempos a visitar o seu paiz, para reconhecer com a sua presença as necessidades publicas, ver com os seus proprios olhos os melhoramentos, onde os ha, e convencer-se do respeito e do amor que liga a nação toda á dynastia e ao throno constitucional.

A visita real dirigio-se d'esta vez aos districtos do sul. S. M. El-Rei o Senhor D. Pedro, acompanhado dos senhores infantes D. Fernando e D. Au-

gusto sahiram no dia 29 de setembro para as Vendas Novas, e no dia 30 chegaram a Villa Viçosa, antiga e predilecta residencia de seus illustres avós os Duques de Bragança. Foi ali que uma mulher de altos espiritos, D. Luiza de Gusmão a altiva filha dos *Medina Celi* resolveu o seu bondoso marido a aceitar a corôa, que lhe offerecia o povo, cansado da opressão e tyrannia dos Philippes de Hespanha. Villa Viçosa tem o seu antigo castello, o palacio dos duques de Bragança e uma formosa e extensa tapada, onde os antigos senhores se exercitavam no que era n'aquelles velhos tempos nobilissimo exercicio da caça. As tradições da casa de Bragança estão todas fixadas áquella residencia. Defronte do palacio está o edificio de um antigo convento com o seu templo, especie de pantheon, onde se elevam os tumulos de pedra de todos os duques de Bragança, antes de serem reis de Portugal. Esta nobre familia, fructo da aliança de um filho de D. João I com uma filha do seu grande condestavel Nuno Alvares Pereira, que no tempo de D. João II possuia dezoito castellos e oitenta mil vassallos, e que nas suas terras podia levantar um exercito, era demasiado poderoso para não inspirar ciúmes á realesa. Por isso o terceiro duque D. Fernando saiu um dia de Villa Viçosa para ser preso por D. João II e decapitado em Evora, condemnado como cumplice n'uma conspiração da nobreza contra o Luiz XI de Portugal. D'ali saiu dois seculos mais tarde um seu descendente para ser rei, chamado pela conspiração do povo. Coincidencia notavel foi que o primeiro d'estes foi trahido e denunciado por um familiar infiel, e que o segundo deveu boa parte do successo á fidelidade e intelligencia de João Pinto Ribeiro, seu familiar tambem. A sorte do primeiro rei da dynastia de Bragança seria de certo igual á do seu avô D. Fernando, se o inhabil, Philippe IV e o seu vaidoso ministro tivessem podido prevenir o subjugar a conspiração da independencia de Portugal.

De Villa Viçosa partio o segundo duque de Bragança D. Fernando, com dous mil infantes e setecentos cavallos para ajudar D. Affonso V nas conquistas de Africa. D'ali partio mais tarde, o neto d'este e filho do que foi decapitado em Evora, o duque D. Jaime, com quatro mil infantes e quinhentos cavallos para conquistar Azamor. De Villa Viçosa partiu tambem no meado do seculo dezeseis o duque D. Constantino para ser vice-rei da India. O seu governo parece ter sido reformador e benefico. Camões achou n'elle a protecção que lhe recusaram quasi todos os poderosos do seu tempo. Porém os feitos do duque de Bragança na India somem-se entre a penumbra da decadencia, que começava a invadir Portugal e os seus dominios depois de D. João III, e o esplendor dos seus antecessores no governo das conquistas da Asia,

Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

Sobre o tumulo do duque D. Jaime, deviam os augustos viajantes encontrar, se ainda ali o conservam, o busto de marmore d'aquelle seu antepassado, assim como no interior do palacio a cisterna, em que se diz que elle fizera penitencia pela morte que n'um accesso de infundado ciúme déra por suas proprias mãos á virtuosa duquesa sua mulher. Era esta da casa illustre de

Medina Sidonia, como a que mais tarde, enlaçando-se á mesma familia, foi rainha de Portugal.

Desde o ascenso de D. João IV ao throno de Portugal, a antiga residencia dos Duques de Bragança está deshabitada. Verificou-se o dito do ministro de Phillippe IV, o conde-duque de Olivares, mas de uma maneira diversa do que elle imaginava, antes da revolução de 1640. «Não haverá socego em Portugal, dizia o astucioso politico de Madrid, em quanto não crescer a relva nas escadas do palacio de Villa Viçosa.»

No dia 6 de outubro, anniversario celebre na nossa moderna historia, os senhores infantes regressaram a Lisboa, e El-Rei acompanhado pelo senhor ministro das obras publicas dirigiu-se a Portalegre. No dia 8 visitou Marvão, a antiga e desmoronada praça de guerra, ainda notavel na guerra da independencia, em que alguns archeologos tem querido descobrir os vestigios da antiga *Herminius Minor* dos romanos, e Castello de Vide, onde um agricultor celebre, o sr. Le-Cocq, tem a mais aperfeiçoada granja que ha no paiz. No dia 9 chegou El-Rei a Abrantes, e no dia 12 á estação do caminho de ferro de leste na ribeira de Santarem, onde a empreza d'aquelle caminho tinha preparado a El-Rei D. Pedro assim como a El-Rei D. Fernando e aos infantes, que ali foram esperar o seu augusto filho e irmão, um esplendido *lunch*. N'esse dia regressou a Lisboa a real comitiva.

El-Rei e o sr. ministro das obras publicas visitaram e examinaram os trabalhos do caminho de ferro de leste em varios pontos e especialmente os trabalhos da grandiosa ponte, que se está construindo sobre o Tejo, cujo adiantamento assim como das outras obras nos promettem a conclusão dos caminhos de leste e norte no praso determinado no contracto. No relatorio da empreza, apresentado na ultima assemblea geral dos accionistas da companhia, dá-se como certa a abertura á circulação para o proximo estio da parte dos dous caminhos entre Santarem e o Rocio de Abrantes no de leste e entre o Porto e Coimbra no do norte. Ouxalá que se verifique esse acontecimento, cuja influencia no desenvolvimento da riqueza do paiz, irá segundo esperamos, além de toda a especção. O numero diario de trabalhadores empregados n'estas obras durante o mez de outubro, segundo os mappas que se publicam semanalmente, excede, a 22:000, como no mez anterior.

A proposito d'este dado estatistico, publicado pela imprensa não official, daremos alguns outros publicados durante o mez na folha do governo, a qual, diga-se a verdade, entre muitos documentos inuteis e que pouco merecem o logar que occupam, contém algumas publicações uteis na parte estatistica, que pena é não serem mais completas para nos esclarecerem mais cabalmente sobre o estado economico do paiz.

O *Diario de Lishoa* d'este mez publica os mappas indicando o numero medio de operarios empregados diariamente nas estradas e algumas outras obras publicas do reino nos mezes de julho e agosto. Este numero foi de 10:137 no primeiro d'estes mezes e de 10:688 no segundo. Vemos com prazer que este numero vái crescendo; no entretanto ainda está alguma cousa distante de ser o que era nos annos anteriores, em que o governo não tinha á sua disposiçao para estes trabalhos maiores sommas do que tem agora. A alta dos salarios pode ter influido de algum modo n'este resultado; mas ella

não explica toda a differença que, se nota, e que se deve attribuir em parte ao deploravel systema, que se está seguindo na distribuição dos fundos destinados á viação publica, se não querem que seja á falta de zelo e prudente administração. É tambem para advertir que no ultimo mappa vem mencionados alguns trabalhos, que nem todos costumavam entrar n'estes mappas nos annos anteriores, o que torne ainda mais consideravel a differença contra o estado actual d'este importante ramo de administração publica. Deduzindo do numero de operarios do ultimo mappa, que corresponde a agosto, os que andaram empregados nos trabalhos das barras, no melhoramento do Tejo, na construcção da Alfandega do Porto e do lazareto de Lisboa, no reparo de edificios publicos em Lisboa e nas linhas de telegraphia electrica, em numero de 3:226, sobra apenas para os trabalhos de estradas no mez de agosto o numero de 7:422.

Do minucioso mappa, designando as obras effectuadas nas estradas dos diversos districtos do reino, no segundo semestre d'este anno, se vê que foram construidas durante aquelle trimestre 24:848 metros, proximamente 5 leguas, que ficaram em construcção 101:651 metros, e que a extensão das estradas concluidas até hoje, quasi todas depois da creação do ministério das obras publicas em 1852, é de 4:402 kilometros ou 288 leguas e meia.

O rendimento das alfandegas de Lisboa e Porto no mez de setembro foi de 556:639\$100 réis, proximamente 58 contos mais do que no mez correspondente do anno anterior. O rendimento da alfandega municipal de Lisboa foi de 67:051\$828 réis, apenas proximamente 1 conto e trezentos mil réis mais do que em setembro do ultimo anno.

A lei da desamortisação dos bens das freiras mittras e cabidos começou a executar-se n'este mez de outubro. A folha official tem inserido os annuncios da arremataçãõ de varios d'estes bens, na importancia de 178:384\$600 réis.

Antes de deixarmos esta parte estatistica, tomaremos, não da folha official, onde seria conveniente que apparecessem estes dados, mas de uma publicação conscienciosa e interessante, o *Jornal da sociedade agricola do Porto*, os seguintes algarismos de exportação de generos agricolas pela barra d'aquelle porto, referidos aos ultimos mezes de agosto e setembro. O valor total dos generos agricolas exportados pela barra do Porto durante aquelles dous mezes foi de 781:052\$680 réis. Os principaes foram

Baga de sabugueiro.....	10:350\$000 réis	Lã em rama.....	22:426\$000 réis.
Bois.....	82:247\$000	» Maças.....	7:282\$600 »
Cebola.....	16:685\$687	» Sarro.....	9:722\$000 »
Doce de fructa.....	3:780\$100	» Semente de bicho	
		de seda.....	10:980\$000 »
Feijão.....	30:747\$600	» Vinho.....	578:498\$750 »

As folhas politicas, á falta de mais importantes assumptos, tem-se occupado de dous curiosos documentos politicos, publicados na folha official. E o primeiro a celebre portaria, chamada *do regicidio*, e o segundo um decreto instituindo uma medalha de cobre para premear os serviços feitos ao throno

legitimo e ás instituições desde o anno de 1826 até o de 1834, a época mais notavel das nossas contendas civis.

A deploravel portaria é do theor seguinte:

«Constando por um artigo do jornal—*O Portuguez*, que em uma das ultimas sessões da associação denominada—*Patriotica*—que se reune no beco do Rozendo, se prégara abertamente o regicidio e a conveniencia de subverter a constituição do estado, lançando-se mão dos meios, que se tinham empregado por occasião da revolução franceza de 1789: e constituindo estes actos crimes puniveis pelos artigos 169, 170 e 171 do Codigõ Penal: determina Sua Magestade El-Rei que o governador Civil de Lisboa faça, sem demora, levantar auto de investigação ácerca d'aquelles factos, e o transmitta logo, com a sua informação, a este ministerio, para em vista d'elle se tornar a resolução, que parecer justa. Paço em 8 de outubro de 1861—*Marquez de Loulé.*»

Um tal documento não carece de commentarios. Se a denuncia fosse seria, e os factos denunciados tivessem visos de plausibilidade, o dever do governo seria empregar todas as deligencias da policia para se esclarecer sobre a sua veracidade, o que de certo se não consegue por uma portaria publicada na folha official, que poria de sobre-aviso os criminosos, se os houvesse, e occultar ao publico a importancia dada a uma denuncia, que seria grave se não trouxesse consigo todos os caracteristicos da falsidade. O publico riu; os oradores da *patriotica* protestaram contra a calumnia, que lhes assacaram; mas o documento official, reproduzido fóra do paiz, podia dar a mais falsa idéa do estado politico dos espiritos em Portugal. O que ha de notavel é que a *sociedade patriotica* é aquella, cujo idolo fóra n'outro tempo o nobre presidente do concelho, que assignou a portaria, e cujos mais conspicuos installadores foram aquelles, que hoje a apontam á vindicta das leis como subversiva do throno e da ordem publica. Miserias e nada mais. Parece que aquella sociedade encorrêra no desagrado do poder, depois de uma opera semi-seria representada na praça de D. Pedro em março do corrente anno, em que o cidadão Marques, trepado nos degraus do abhorto de monumento, que deturpa aquella praça, queimára iusenso a uns numes diversos d'aquelles que a *patriotica* fora fundada para adorar. *Manet alta mente repositum...*

O decreto que institue a medalha de cobre commemorativa e uma commissão para apurar os benemeritos, começa da seguinte maneira:

«Artigo 1.º *Esta distincção consistirá em uma medalha de cobre de tres centimetros de diametro, etc.*

«Art. 2.º *Ella será collocada no lado esquerdo do peito, pendente de uma fita azul ferrete, etc.*»

Vê-se que a redacção da secretaria da guerra é distincta no uso dos pronomes. A idéa d'este documento não está muito acima da sua linguagem. Uma parte da imprensa zombou da redacção, e a sua quasi totalidade censurou o pensamento de fazer reviver n'um distinctivo a memoria de tão calamitosas épocas de odios, de atrocidades e de miseria para o paiz. A liberdade e as instituições radicaram-se entre nós. Cerquemol-as de amor e respeito, e consolidemol-as pelas nossas obras. Mas, com quanto sahissem puras e immaculadas como sae sempre a verdade e a justiça, dos tranzes afflictivos e sanguinolentos que

as implantaram, não avivemos a recordação das feridas d'essa luta, porque foram feridas de irmãos e feridas da patria. Valle mais a nobre proclamação de Cialdini, depois da tomada de Gaeta, repelindo as ovações depois de uma victoria, que fora alcançada embora contra o despotismo, mas tambem contra filhos da mesma patria, do que o decreto que com pesar vemos referendado por um bravo e generoso soldado, que foi dos mais illustres n'essas campanhas da liberdade. E note-se que a linguagem do general italiano é dictada na effervescencia da lucta e do odio insaciado, e que o decreto commemorativo da nossa guerra civil vem já vinte e dous annos depois da victoria indisputada.

Actos de abnegação e de heroicidade se praticaram de certo n'essa época. Mas aos martyres illustres premeia-os a historia; aos ignorados talvez não chegue a medalha nem a noticia d'ella. Não chegará de certo a tantos que perderam a vida em defesa de uma santa causa. A medalha prodigalisada a todos os que serviram, só porque serviram, vai premiar, a par dos heroes e dos valentes, os transfugas talvez e os traidores, e tantos outros que nas lutas civis abraçam uma das causas por mera inspiração do acaso, quando não é por motivos menos recommendaveis. Não nos parece pois que o pensamento da medalha commemorativa seja para illustrar os seus inventores, sem que todavia demos a este facto importancia, ou lhe appliquemos a demasiada censura, que lhe temos visto dirigir.

Acaba com tristes presentimentos esta nossa chronica. O *Diario de Lisboa* publica ha alguns dias um boletim sanitario, que dá El-Rei o senhor D. Pedro e os senhores infantes D. Fernando e D. Augusto atacados de febre intermitente. O boletim de hoje, dando noticias mais satisfatorias a respeito de El-Rei e do mais novo dos infantes, faz redobrar as apprehensões em quanto ao estado do senhor infante D. Fernando. Os augustos enfermos tinham atravessado na sua rapida visita pelo Alemtejo algumas das sementeiras de arrozal, que estão sendo o flagelo da saude publica. A constituição medica do paiz está vesivelmente alterada pelo desenvolvimento dado a esta prenciosa cultura. Os clamores do povo tem sido impotentes contra a inercia dos poderes publicos ou contra a sordidez de interesses particulares, poderosos e influentes. Agora a procrastinação de medidas, que cohibam ou minorem o mal, é tibiesa indisculpavel ou cumplicidade revoltante, depois que foi publicado, ha um anno, o resultado do importante inquerito a que procedeu a commissão, nomeada em 1859. Ouxalá que não seja necessario que a grandeza da victima faça acordar os que dormem sobre o luto de tantas familias e a devastação de tantas populações.

CHRONICA LITTERARIA



emos a registrar o apparecimento de mais dois livros portuguezes. Intitula-se um d'elles *Contos sem arte*, chama-se o outro *Doze casamentos felizes*. O primeiro aviva uma saudade: assigna-o D. José de Almada e Lencastre. O segundo robustece uma esperança: firma-o Camillo Castello Branco.

Contos sem arte, obra posthuma, lê-se no frontispicio do livro. Obra posthuma! É triste, bem triste semelhante designação, quando, ainda não ha cinco mezes apertavamos a mão do auctor, que apparecera nas lides litterarias pela mesma época das nossas primeiras tentativas dramaticas, que se estreára na scena com applauso geral o que até ao fim da sua vida progredira sempre, cultivando esmeradamente a intelligencia e produzindo mais sasonados fructos! E tinha apenas trinta e tres annos! Idade mais que esperançosa, idade pensadora! Somem-se as illusões e surge a experiencia! Escreve-se menos; mas es-
creve-se melhor. Amadurecem-se as idéas antes de as formular. Diminue a confiança propria, e augmentam as difficuldades. Pensa-se então muito, para manifestar pouco. Sujeita-se a imaginação ás regras, os grandes arrojões aos traços correctos. É a idade em que o talento esclarecido do homem completa a vocação do mancebo.

N'esta idade cerrou-se a campã sobre D. José de Almada! A sua bella vocação litteraria revellou-a na *Prophecia*; a brilhante cultura do seu talento no *Curso de philosophia*. E vida de trabalhos foi a sua! Passou rapida para os seus amigos e admiradores; mas prolongou-se dolorosa para elle! O estudo era para o auctor dos *Contos sem arte*; um prazer; o pão de cada dia era uma necessidade. Ao inlevo succedia a desesperação! Horriveis luctas deviam ser aquellas! Bastam os resultados para que se adivinhem.

D. José de Almada, morreu victima do seu amor ao estudo, e dos esforços que empregára para adquirir em breve espaço de tempo conhecimentos e sciencia que só muitos annos conferem. Soldado, n'esta cruzada das lettras, experimentado e corajoso, arremeçou-se denodado à brecha, mas succumbio no momento em que ia para arvorar a bandeira! Fatal destino!

Cumpria-nos prestar esta derradeira homenagem ao nosso collega antes de de recommendarmos o livro — seu ultimo legado à litteratura nacional.

Os *Contos sem arte*, são uma collecção de pequenas historias singelamente narradas e naturalmente dialogadas. N'umas breves linhas, escriptas pelo sr. Andrade Ferreira no proemio que acompanha a obra, vem explicada a idéa principal de cada um d'esses contos, que, segundo o dizer do mesmo escriptor, que era intimo amigo de D. José de Almada, encerram muitas par-

ticularidades da sua vida, referidas já em allusões, já em personalidades, a que se deram nomes diversos. Transcreveremos, pois, essas linhas.

«No *Sebastianista*, relata-nos elle as inclinações e desvarios da sua infancia; no *D'estes ha poucos*, apresenta-nos o quadro do seu viver recluso e «tristonho; no *Antonio Lopes e Maria Agostinha*, um dos apuros da sua vida de estudante; na *Tia Carriça*, alardeia os seus protestos de fé politica; «no *José da Costa*, mostra-nos o culto que professava a muitas instituições «das quaes o camartello revolucionario demoliu bastantes que não devera.»

A nosso ver, porém, o grande merito dos *Contos sem arte*, está na justeza da phrase, phrase toda portugueza, que se encontra sempre no dialogo. Não é só a simplicidade que a recommenda, é o proposito com que a entrelaçou na conversação dos diversos personagens que ali apparecem. Observa-se tanto esmero e tanta verdade no desenho dos typos como na linguagem de cada um d'elles. Ha um grande trabalho de observação nos *Contos sem arte*; observação mantida e justificada nos mais leves perfis. Para se reproduzirem taes palestras, e com tão notavel exactidão, é mister conhecê-las e ouvir-as a miudo. Vê-se que o auctor estudou de perto os originaes para poder alcançar tamanha similhaça nos retratos. Muitos d'elles, podem aceitar-se como photographias. A valia dos *Contos sem arte*, está n'isto, que é muito.

Para fechar o livro, realçado em tudo, acrescentou-lhe o editor Pereira — o primeiro e melhor editor que tem havido entre nós, porque allia ao bom gosto a intelligencia, — acrescentou-lhe, diziamos, as bellas e sentidas paginas que Julio Cesar Machado escreveu em folhetim na *Revolução de Setembro*, por occasião da morte de D. José de Almada.

Desyiamos os olhos d'uma sepultura e encontramos as grades de uma prisão. É n'esta que foram escriptos os *Doze casamentos felizes*? Ha, todavia, uma differença é que os *Contos sem arte*, appareceram em cima da pedra funeraria, aggravando então uma dôr; e os *Doze casamentos felizes*, publicaram-se já quando o seu auctor respirava o ar da liberdade, promovendo assim a alegria.

A deploração no tumulo segue-se para nós a saudação festiva. É a ordem do mundo. Apoz o lucto as gallas; apoz a angustia o prazer! E verdadeiro prazer foi para toda a imprensa, que o manifestou espontaneo, o livramento de Camillo Castello Branco. A manifestação agora do chronista era escusada, porque seria repetir-lhe, a já feita, pelo amigo. As palavras d'aquelle não valeriam mais para elle, nem significariam tanto como o abraço d'este. Foi longo o martyrio, mas felizmente acabou. Tarde, seguramente, porque semelhantes tormentos, devastam a alma e prostram o corpo. Não é raro o talento succumbir tambem; mas n'aquella cabeça é chamma ardente e esplendida que se aviva sempre, embora o coração sangre e o espirito padeça. E senão vejam. Apesar de preso e attribulado, a imaginação sorria-lhe fagueira, a phantasia ostentava-se-lhe brilhante, e as obras succediam-se rapidas e inspiradas como se as houvera meditado no repouso e na ventura!

Os *Doze casamentos felizes*, são como logo se percebe no titulo, um arrojado de invenção e um capricho litterario. Venceu todavia, ambos, e com a habitual superioridade.

Bellezas e louçanias de estylo, finuras de sentimento, magnificas descrições, espontaneidade de dialogo, esmerado desenho de caracteres, interesse na acção, tudo abunda n'aquelles pequenos romances, que se lêem com avidéz e curiosidade. São mais um eloquente diploma da extrema fecundidade de Camillo Castello Branco. Depois, ha uma tal feição portugueza, em todas as suas obras, não só na linguagem, mas nos typos e mesmo nos accessorios, que bem denunciam que é na sua terra, e só na sua terra, que procura os elementos para formar e ornamentar os seus quadros. No volume que temos diante dos olhos, *Doze casamentos felizes*, apresenta-nos Camillo Castello Branco, pinturas admiraveis e exactas de algumas localidades, e uma narração fiel dos seus costumes. A verdade d'estas copias, junta á fertilidade in-

ventiva e ao primor da phrase, tornam os *Doze casamentos felizes*, um livro apreciavel que ha de necessariamente exgotar cedo a primeira edição.

Terminam aqui as novas litterarias; passemos ás artisticas.

Realisou-se a abertura do theatro de S. Carlos. subiram á scena as *Vesperas Sicilianas*. Reappareceu o tenor Fraschini e estreiaram-se a primeira dama Bendazzi, o barytono Guischarde e o baixo Della Costa.

Bravo Franchini! foi a unica manifestação espontanea e enthusiastica da platea. Todos os mais artistas promoveram alguns applausos; mas não causaram admiração. Nem podiam causal-a, perante um publico, que tem ouvido muitas das primeiras celebridades lyricas, e que d'esta vez só escutava cantores distinctos, mas não notaveis.

Tentaremos agora, apreciar os artistas, segundo as impressões que recebemos. Critica, não podemos, nem sabemos fazel-a. Faltam-nos para isso as necessarias habilitações e os devidos conhecimentos. Vemos, é verdade, que com identicos conhecimentos e habilitações apparecem diariamente na imprensa Scudós e Fetis de todos os formatos, mas formatos só exteriores. É, pois, um rotulo, e a gloria do rotulo, não é para cubiçar.

Bravo Franchini, disse o publico; bravo Franchini, repete o chronista. É a mesma voz sempre! o mesmo primor! a mesma energia! Maviosa e sua ve fallando de amor, forte e magestosa revelando a indignação! E não ha esforço, não se percebe a menor difficuldade no seu canto, embora seja arrebatado ou sentido. Franchini é, incontestavelmente, um grande artista, um cantor notavel, um tenor celebre, tão celebre que estamos convencidos de não lograrem outro melhor os mais theatros da Europa.

Disto, e muito, dos collegas, que actualmente o rodeiam.

Não faremos comparações, que sempre as reputamos escusadas. Esqueceremos inteiramente as impressões que nos deixaram as Alboni, as Novello, as Castellan, as Tedesco, as Lotti, toda essa pleiada de eximias cantoras, que tem engrandecido a nossa scena lyrica, para apreciarmos, segundo a sensação que nos causou, a primeira dama Bendazzi.

Bendazzi, reúne os predicados necessarios para ser uma boa interprete de Verdi. O canto singelo, singelo sempre, mesmo nos grandes rasgos e nas elevadas combinações musicas, do illustre maestro, reclama antes de tudo uma voz poderosa e vibrante, e a voz de M.^{me} Bendazzi é vibrante e poderosa. Tanto assim, que, onde mais brilha, é nos trechos de bravura, em que ostenta os seus mais bellos recursos. As notas, n'esses momentos, formam-se-lhe puras e brilhantes. O mesmo, porém, lhe não acontece nos trechos mais delicados e mimosos; as notas saem-lhe menos perfeitas. É, pois, convencimento nosso, que M.^{me} Bendazzi, ha de ser ouvida, todas as vezes que interpretar Verdi, com prazer e até com agrado; mas, que nunca arrebatará os *dillectanti*.

Guischard era, talvez, um excellente barytono, se o timbre da sua voz fosse mais suave e sympathico. Vê-se todavia que é um artista consciencioso e intelligente.

Della Costa, é um baixo cantante, e como tal esmerado e correcto; mas, obrigado como está, a executar as partes de baixo profundo, ha de necessariamente, prejudicar-se, e prejudicar as operas.

Em seguida as *Vesperas Sicilianas*, tivemos a *Somnambula*. Debutaram n'esta opera M.^{elle} Calderon e o tenor Baraglia.

M.^{elle} Calderon denunciou uma bella vocação, interpretando o difficil papel de *Amina*, com lisongeiro e surprehendente exito para uma artista comprimaria, e que não por vaidade, mas sim por obsequio á empreza se prestára a desempenhal-o, afim de facilitar o apparecimento do tenor Baraglia. Este, no primeiro acto, electrizou verdadeiramente a platea, conquistando freneticos applausos, pela delicadeza e mimo do seu canto; mas logo, no segundo acto esmoreceu immenso, esmorecimento que foi sempre progredindo até á *Traviata*, onde grangeou um completo *fiasco*.

Na *Traviata*, appareceu tambem a primeira dama Berini, typo de formo-

sura, mas cantora mediocre. A belleza da mulher, que era muita, não poude todavia resgatar os dotes da artista, que eram poucos.

Falta-nos unicamente apreciar M.^{me} Uberti, para rematarmos as nossas impressões acerca da companhia lyrica. Foi no *Trovador*, executando a parte de *Açucena*, que realisoou a sua estreia. Deixou logo adivinhar um talento verdadeiro e uma vocação esperançosa. Soube imprimir a devida feição dramatica áquelle tão original como ingrato papel. Tão ingrato que, ainda não vimos sobresair n'elle, cantora alguma. Até a propria Tedesco, apesar da mestria com que o desempenhou, não conseguiu enthusiasmar o publico.

No dia 29 de outubro, anniversario natalicio de S. M. el-rei o Sr. D. Fernando, representou-se pela primeira vez *Simão Boccanegra*, de Verdi.

Antes, porém, de aventurarmos a nossa opinião acerca da nova opera, cumpre-nos registar e louvar a homenagem prestada pela empreza de S. Carlos ao rei-artista.

Logo que S. M. appareceu no camarote particular, subio o panno e a orchestra e cinco bandas de musica dos corpos militares da capital tocaram o hymno do Sr. D. Fernando, cantando em seguida a solo os principaes artistas da companhia a letra expressamente escripta para este festejo pelo sr. Vidal, poeta já conhecido dos leitores da *Revista Contemporanea*, pelos sentidos e mimosos versos com que tem illustrado as suas paginas. Era nova a scena e figurava um jardim. Ao fundo, no centro de um resplendor, viam-se as letras D. F., em transparente.

Merecido foi este preito, preito que está no coração de todos, porque todos professam verdadeira estima e admiração pelos actos praticados a bem do paiz por S. M. el-rei o Sr. D. Fernando.

Agora duas palavras, sobre a opera *Simão Boccanegra*.

A primeira coisa que notámos n'esta partitura, foram algumas modificações no estylo de Verdi. Parece que a escola allemã, começa a dominal-o. É serã deveras para sentir que prosiga na imitação. Perderá assim a individualidade lyrica, que o tornou notavel. E a individualidade é a maior e a mais rara gloria, que pôde alcançar o escriptor ou o maestro. Ha trechos até no *Simão Boccanegra*, que recordam Meyerbeer, tão preoccupado estava d'elle, quando os escreveu. E taes recordações nunca se observaram nas produções de Verdi. Quando algumas appareciam, eram do proprio auctor.

Todas as vezes, porém, que Verdi seguiu unicamente a sua inspiração, produziu bellos motivos e magnificos effectos de instrumentação.

Remataremos dizendo, que a opera *Simão Boccanegra* encerra muitas bellezas; mas é cheia de desigualdades, desigualdades nascidas das causas que apontámos, e que a prejudicam. É este o voto de um profano nas theorias de Fétis e Scudo, mas de um profano que se preza de ter ouvidos.

Lisboa, 31 de outubro de 1861.

ERNESTO BIESTER.